

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

## SUMMARIO

M. Bomfim .....	A nova orientação. Creação necessaria.	Mestre Escola.....	Tres palavrinhas.
Francisco F. Mendes Vianna .....	A questão do analfabetismo.	Othello Reis... ..	Educação do homem e do cidadão
Zelia Braune, Arteobel- la Frederico e Ilza Macedo.....	Livros de leitura.	Jonathas Serrano.....	Historia.
Abilio B. Alencar.....	Methodo das unidades collectivas.	Othello Reis.....	Geographia.
Sebastiana Figueiredo	Geographia—Divisão do Brasil em em grandês regiões naturaes.	Noemia Eloya e Inah Martini.....	Lingua Materna (1', 2', 3' e 4' annos)
		Maria A. Daltro Santos	» » (5', 6' e 7' annos)
		Olympia do Coutto....	Arithmetica.
		Edith Blume.....	Sciencias physicas e naturaes.

## A nova orientação

Si ha um ensino publico, é indispensavel que os responsaveis pela sua organização lhe dêem methodos racionaes, inspirados, como por toda parte se faz, numa psychologia, ao mesmo tempo scientifica e pratica, isto é, lucidamente orientadora. Foi o que, por muito tempo, aqui se fez, nessa fecunda administração Medeiros, cujos magnificos resultados, ainda hoje admiramos. A tradição, que parecia perdida, resurge agora, na sabia direcção actual, com iniciativas todas dirigidas neste sentido. Um dos cursos de ferias, orientando a didactica para a iniciação na leitura e escripta, baseava os seus methodos, ostensivamente, em explicitos principios de psychologia, appellando, até, para a controversa theoria das localizações cerebraes. Ainda a pouco, foi nomeada uma commissão para estudar as possibilidades da applicação de tests psychologicos em nossas escolas primarias. A organização das fichas de alumnos é toda feita nessa mesma orientação.

O importante, em tudo isto, é esse intuito explicito de orientar o ensino e a educação para uma realisação efficaç, em boas praticas. São tantos os aspectos em que a psychologia interessa á obra educativa que, considerados e attendidos todos esses que dizem com a orientação dos methodos de ensino e a normalisação da conducta moral, ainda se offerecem, como excellentes recursos de orientação, muitas indicações eloquentes, havidas da observação psychologica.

Fôra impossivel desconhecer a necessidade absoluta que tem o mestre — de conhecer as qualidades caracteristicas e as aptidões essenciaes do alumno, para que a obra educativa, e a propria instrucção, cheguem a resultados efficaçes. Os tests correntes dizem com as actividades mentaes, sobretudo quanto ao grao de desenvolvimento. Fornecem informações preciosas e indispensaveis, mas que não bastam. A educação não poderia ser considerada, apenas, quanto ás actividades intellectuaes; o mais importante, mesmo, é o que se refere á vida moral — sentimentos e vontade. A in-

telligencia não passa de instrumento; e si o mestre quer, de facto, apurar a personalidade do alumno, deve conhecer-lhe as condições individuaes da organização moral: as tendencias naturaes, o temperamento, grao de emotividade, e a capacidade de inhição, donde resultará o poder de vontade e de dominio sobre si mesmo.

Não só para a vida moral, têm importancia esses factores, sinão, tambem, para a propria capacidade de producção mental. A intelligencia é um mecanismo funcçional, que só produz, em plena efficiencia, com o estimulo forte e fecundo da affectividade, assistido por uma poderosa capacidade de vontade. É pela ausencia de taes condições que se explicam tantos fracassos, em talentos que na juventude muito promettiam, e se annullaram, por falta do estimulo, que leva os trabalhadores tenazes a tirar da intelligencia tudo que ella pode dar.

A realidade dessas necessidades psychicas é mais imperiosa, ainda, na criança, cuja actividade mental é sempre fortemente assistida de affectos. O infante só attende áquillo que o interessa immediatamente. Qualquer que seja a sua predisposição intellectual, si a criança é pouco sensivel aos estimulos communs, a sua producção escolar será sempre deficiente; os processos a empregar, no seu caso, devem ser bastantes para supprir a baixa do movimento affectivo. Noutros casos, haverá excitabilidade para uns tantos estimulos, e indifferença para outros, segundo ás tendencias predominantes. Tudo isto tem que ser conhecido e apreciado, afim de que os methodos didacticos se apropriem para bom resultado.

Circumstancias que parecerão frivolas, têm, nesse intuito, valor especial: qual o brinquedo preferido?... Quaes os motivos que mais frequentemente provocam o riso?... a situação moral que produziu effeito mais vivo?... Uma criança choramingas... um menino com a insensibilidade ou a indifferença de um adulto de affectos embotados: ainda que o grao de desenvolvimento seja o mesmo,



ainda que tenham a mesma capacidade geral, não poderão produzir no mesmo valor, si são submetidos a processos identicos. O mestre que queira inteirar-se do que tem significação na sua obra, deve ter o caderno de notações, onde averbe, para cada alumno: as circumstancias que provocam alegria ou tristeza, os brinquedos preferidos, as leituras que têm produzido mais impressão; qualidades caracteristicas dos amigos habituaes; em que condições tem tido disputas com collegas; si as inimidades são longas ou passageiras; si é de temperamento lento, ou vivaz; triste ou alegre; si é capaz de conter-se, ou si é arrebatado; teimoso, caprichoso, voluvel... O mestre pode ir além: anotar todos os actos de vontade explicita, todas iniciativas e desalentos da criança.

Será difficil, ou penoso, manter esse registro? De modo nenhum. E é bem mais interessante

e rápido do que as celebres e inuteis correções de exercicios escolares, em que se fatigam inutilmente os pobres professores. E' mais facil, e infinitamente mais proveitoso. Orientado por um tal registro, que equivale a uma pesquisa systematica, o mestre está apto a, no fim de dous ou trez mezes, applicar a cada alumno as particularidades de processos condizentes com o respectivo caracter natural; cada alumno apparecer-lhe-á, legitimamente, no aspecto interessante de—uma obra a realisar, uma conquista a fazer, no apurar o que naturalmente existe.

Para tanto, não é preciso ser um psychologo profissional; basta conhecimentos geraes, essenciaes, — das leis naturaes — do desenvolvimento da realisação do espirito humano.

M. BOMFIM.

## 1- IDÉAS E FACTOS

### CREAÇÃO NECESSARIA

Autorizado o governo federal a proceder, dentro de bases sufficientemente amplas que foram estabelecidas, á reforma geral do ensino publico da alçada da União, é de crer que não se passe o anno sem que tenhamos publicada a nova lei que ha de regular tão importante serviço.

Affigura-se-nos, portanto, propicia a occasião para lembrarmos á alta administração uma providencia reclamada pelas necessidades do ensino.

Trata-se da falta, de que nos resentimos, de um instituto secundario official, destinado ao sexo feminino.

A' mocinhas que saem annualmente da derradeira serie das escolas primarias e que desejam proseguir em seus estudos, que é que se offerece? Apenas a Escola Normal, mas esta é uma instituição de caracter profissional, que prepara os candidatos ao magisterio primario. Sua matricula é limitada, e a seriação das materias bem como o proprio plano de estudos não satisfazem ás necessidades das moças que desejam enveredar pelos estudos classicos mais adeantados ou pelas chamadas carreiras liberaes. Se aos rapazes fornece o Collegio Pedro II, em suas duas secções, na Capital da Republica, o ensino necessario e sufficiente para que se possam sem receio apresentar aos exames vestibulares das academias, ou para que vão tentar a vida no commercio ou nas repartições publicas, submettendo-se para estas a con-

ursos, em que frequentemente alcançam os melhores postos, para as meninas nada mais resta do que a Escola Normal, onde não encontram cursos adequados á conquista dos exames de preparatorios. Ainda quando o plano de estudos da Normal não fosse inadequado a esse fim, haveria o empecilho da limitação da matricula. Enorme é a procura, como se pode ver todos os annos da copiosa lista de candidatas inscriptas para o concurso de admissão, mas como no Evangelho, muitas são as chamadas e poucas as escolhidas.

Os cursos particulares estão pejados de alumnas, mas as taxas são elevadas, o que afasta dos estudos secundarios bom numero de pretendentes. A estes, só o Estado pode occorrer, dando estabelecimento de ensino de matricula ampla, do mesmo grao do Collegio Pedro II, onde as moças possam encontrar aulas e laboratorios mediante exigua contribuição mensal.

A occasião é propicia para que o governo abra á mocidade feminina estabelecimento de ensino de tal genero, tão desejado e plenamente justificado, ou pelo menos para que, desdobrando o extenato do Collegio Pedro II em dois turnos, reserve um delles ao sexo feminino, ou mesmo estabeleça nos dois turnos a promiscuidade, alargada a matricula e se necessario ampliadas as accomodações do edificio.

Ao snr. Ministro do Interior, cujo grande interesse pela grande causa do ensino a ningem é licito pôr em duvida,

offerecemos esta suggestão, cumprindo promessa a que nos obrigamos para com paes de alumnas de varios cursos particulares, e temos fé que S. Exa., pensando as verdadeiras necessidades do ensino, envidará esforços para satisfazer a esta aspiração.

### A questão do analphabetismo

Não pretendo discutir aqui os meios para evitarmos que fique em nossa cara Patria, como vem succedendo, porém, cada vez menos, um numero immenso de creanças e, em consequencia, de adultos sem a mais rudimentar instrucção.

O problema é de solução complexa e foi-nos legado em consequencia de varias condições, entre as quaes podemos capitular como principaes causas: 1<sup>a</sup>—a pequena expansão da instrucção no bello povo que nos colonizou; 2<sup>a</sup>—a pequenez da sua população para colonizar o immenso territorio descoberto; 3<sup>a</sup>—a facilidade relativa com que aqui se satisfazem as necessidades da vida, muito reduzidas em virtude da amenidade do clima; 4<sup>a</sup>—a influencia do trabalho escravo e a existencia dos proprios escravos, que os senhores tinham empenho em conservar mergulhados na mais crassa ignorancia; 5<sup>a</sup>—a quasi ausencia de esforços do governo imperial pela disseminação do ensino primario; 6<sup>a</sup>—ser a população do Brasil muito rarefeita e não dispor de meios faceis de communicação; 7<sup>o</sup> finalmente, tirar o Brasil quasi todos os seus recursos da agricultura, que parece ser o genero de actividade que menos exige instrucção ou, pelo menos, que mais a pode prescindir nos seus encarregados directos.

Seja como fôr, a primeira condição para tentar resolver o problema é conhecer os seus termos exactos. Ora, segundo penso, estes têm sido exaggerados. E' bem de vêr que alguns, aos quaes move o mais vivo e sincero patriotismo e de cujo espirito esclarecido ninguem pode duvidar, como acontece com essa bellissima alma do incansavel batalhador que é Paulo Pestana, talvez assim procedam para despertar da apathia os nossos administradores, apenas por vezes occupados com o problema por entenderem que é

preciso formar o cidadão expressão para elles synonyma de preparar votantes.

Longe de mim negar o serviço que mesmo assim, têm prestado esses ardorosos paladinos da instrucção primaria. Penso, porém, que para os dirigentes realmente interessados em preparar colaboradores consciences e efficientes para a felicidade desta Patria, conviria sempre falar apenas a linguagem positiva da realidade.

Foi, por isso, com viva satisfação que, ha cerca de mez, recebi do melhor elemento de uma das minhas turmas de professorandos, o meu distincto collega Professor Cesar Prieto Martinez, que actualmente reformou com successo a instrucção no Estado do Paraná, sob a mesma epigraphe que encima este, um artigo no qual assenta o problema do analphabetismo nos seus verdadeiros termos.

Accusando-o dizia-lhe eu, em carta: «Sem crêr de forma alguma que a escola baste para reformar as sociedades modernas e nem tão pouco que a simples instrucção possa tornal-as felizes (claramente o evidencia a desastrada orientação da Allemanha), entendo que o problema é de importancia capital e, por isso, deve merecer toda a nossa atenção. Esta, porém, precisa tomar como ponto de partida a realidade, mas a realidade verdadeira. Comprehende-se facilmente que o exaggero nestes casos conduz os espiritos menos lucidos, menos esclarecidos ou mais fracos ao desanimo perante a exaggerada grandeza do problema. Julgarão que precisaríamos lançar uma barragem na foz do Amazonas!»

«Fez o Snr. muito bem, vasando na mais clara das demonstrações, para a qual foi, entretanto, utilizando-se essencialmente do bom senso applicado com intelligencia ás estatisticas, a prova de que o problema, comquanto arduo e não de solução instantanea, pode ser enfrentado porque está dentro das nossas possibilidades».

Feitas estas considerações, dou agora a palavra ao Professor Cesar Martinez, de cujo artigo vindo a lume no numero de Outubro do anno passado de «O Ensino», publicação da Inspectoria Geral do Ensino do Paraná, deixo de transcrever por menos indispensaveis as primeiras linhas:



As idéas, em geral, apresentadas e discutidas, giram sob esses dois pontos: criação de escolas em numero proporcional á população infantil de 7 a 14 annos; intervenção do Governo Federal na direcção e manutenção dos cursos primarios em todo o paiz.

São as estatísticas as armas que os paladinos da alphabetisação empunham mais ardentemente e de preferencia.

Para uma população approximada de 6.137.121 creanças de 7 a 14 annos, temos apenas escolas publicas e particulares para 1.801.381.

Necessitamos, pois,—conclusão de escolas para 4.335.740 creanças.

Preferimos determinar a idade escolar dos 7 annos aos 14 porque é esse de facto o periodo que deve ser adoptado no Brasil. O nosso povo manda os filhos á escola dentro desse limite, conforme se verifica em toda a parte.

Determinar um periodo menor seria incorrerem em dois erros. Em primeiro logar privariamos de instrucção os retardatarios, isto é, os que deixaram passar inutilmente a melhor idade escolar. Em segundo prohibiriamos muitas localidades pequenas de ter escolas por falta de frequencia.

Facil é calcular qual a despeza exigida para satisfazer taes necessidades.

Facil é tambem avaliar o exercito indispensavel de professores para provimento de tantas escolas.

Teriamos dinheiro para custear tudo isso?

A ninguem é dado contestar que as estatísticas conhecidas e publicadas deixam de se approximar e muito da verdade.

Não sabemos, de facto, qual seja a população infantil que frequenta escolas publicas e particulares em todo o territorio brasileiro. Mesmo onde esse serviço é feito com mais ou menos cuidado, ha falhas a corrigir. Pelo sertão a dentro e até nas capitaes funcionam pequenas escolas que as repartições publicas ignoram e que são bastante frequentadas. Não nos esqueçamos de levar tambem em conta as creanças que, em casa, são ensinadas, por seus paes e irmãos, ou por professores contractados. Tudo isso não é ignorado por quantos trabalham na direcção e fiscalisação do ensino.

As cifras, pois, apresentadas em pu-

blico para servir de base ás idéas que andam por ahi sobrenadando em artigos de jornaes e de revistas, são falhas e muito contribuem para augmentar, no papel, o numero dos que, em nosso paiz, são privados da escola.

Vae para poucos mezes, a Liga Nacionalista de São Paulo, instituição patriótica que muito se bate pela alphabetisação no nosso povo, deu o Paraná como instruindo em 1922, pouco mais de 25.000 alumnos quando na verdade o nosso Estado deu instrucção a 45.000 creanças approximadamente.

Tendo eu protestado contra tão lamentavel engano, apressou-se a Liga em responder-me que accetava a rectificação mas que os dados colhidos foram publicados pelo Diario Official da União, citando até o numero da edição.

Está ahi uma prova do que são as nossas estatísticas em materia de ensino.

Consideremos agora a nossa extensão territorial; a disseminação das populações pelo sertão afóra e nos convenceremos de que ignoramos o que se passa em cidades, villas e logarejos que distam dezenas de leguas uns dos outros.

Si as estatísticas não são exactas, de maneira a poderem informar, com segurança, qual o nosso estado de alphabetisação, muito menos exactos são os calculos que fazemos para exigir do Governo escolas em numero sufficiente para o total da população infantil.

Nenhum paiz do mundo mantem escolas para a sua população global de 7 a 14 annos.

Os Estados Unidos são um exemplo de que nos devemos servir para o nosso caso.

Antes de tudo, examinemos a questão pelo seu lado pratico.

Todas as creanças de 7 a 14 annos podem, ao mesmo tempo, frequentar a escola primaria?

Está bem visto que não. Umás procuram as aulas mais cedo. Outras só depois dos 9, 10, ou 12 e 14 annos é que se iniciam no aprendizado das primeiras letras.

Muitas, aos 9 e 10 annos já deixam a escola, contentando-se com o que aprenderam em 2 ou 3 annos de curso. E quantas, dos 10 aos 14 annos, frequen-

tam os gymnasios, cursos intermediarios e escolas profissionaes?

Haverá quem conteste esta affirmativa?

Não transparece de tudo isso, que muitas creanças deixam a escola em tenra idade, depois de soffrivelmente apparelhadas para as primeiras e mais urgentes necessidades da vida?

Não é tambem real e verdadeiro que uma bôa parte, dos 10 aos 14, espera occasião opportuna para frequentar as aulas?

Onde houver, portanto 100 creanças entre 7 e 14 annos, uma escola é perfectamente sufficiente para satisfazer as necessidades locaes. Emquanto umas frequentam as aulas, outras esperam a sua vez. Concluindo o aprendizado de uma turma, outra porção vem substituir a que já deixou os bancos escolares.

Vejamos o exemplo dos Estados Unidos.

Para uma população de 110.000,000 de habitantes, deve haver approximadamente 22.000,000 de creanças de 7 a 14 annos.

Frequentavam as escolas, publicas e particulares, em 1922, entre 5 e 19 annos, 19.451,851 alumnos. Desses, . . . . . 2.117,468 pertenciam aos cursos secundarios e 300.000 ás Universidades e escolas superiores.

Deduzidas essas cifras, ficam para os cursos primarios 17:034,383 alumnos.

Podemos calcular 10 % para os Jardins da Infancia e Escolares Maternas onde, como se sabe, a idade vae dos 4 aos 7 incompletos. Restam 15.320,845 creanças que recebem instrucção nos cursos elementares mantidos pelo Governo e pela iniciativa particular. Quer isto dizer que o Governo dos Estados Unidos não mantem por sua conta exclusiva escolas para 15.320,845 creanças entre 7 e 14 annos, pois uma bôa porção pertence ás escolas particulares.

Apezar, porém, de tão elevadas cifras, ainda assim restam cerca de . . . . . 6.679.000 creanças que não frequentam escola alguma.

Podemos considerar esse numero de creanças, (superior á população infantil do nosso paiz), figurando como analfabetas?

Si se tratasse do nosso Brasil, ninguem duvidaria em responder affirmati-

mente. Tratando-se, porém da grande Republica do Norte, todo o mundo sabe que lá não ha analfabetos. Essas creanças, pois devem ser consideradas como já tendo concluido os cursos primarios.

No nosso caso, o que reclamam os bathalhadores pela disseminação do alfabeto?

Um numero de escolas para a população total entre 7 e 14 annos, o que não é possivel, nem necessario.

O Brasil precisa de escolas para 3.000,000 de creanças, metade de sua população infantil, e no dia em que puder realizar tão grandiosa quão patriótica empresa, entraremos definitivamente para a vanguarda dos povos livres do analfabetismo, pois nos encontraremos em condições de alphabetizar toda a nossa população em idade escolar, dos 7 aos 14 annos.

Terão, pois os Governos de todos os Estados necessidade de crear e manter escolas para completar o numero de alumnos que faltam actualmente para os 3 milhões de creanças?

Ainda desta vez respondemos pela negativa, pois os cursos particulares, em regra geral, se encarregam de alphabetisar de 20 a 30 creanças para cada 100 mantidas pelos cofres publicos. No nosso Estado, pelo menos, verifica-se essa proporção.

De tudo quanto acabamos de expôr, resulta mui claramente que não somos a Analfabetolandia imaginada pelos pessimistas, e isso porque nenhum paiz do mundo mantem escolas publicas e particulares,—para a sua população global de 7 a 14 annos. Não nos esqueçamos que, alem das creanças que frequentam escolas publicas e particulares, em numero superior ao consignado nas estatísticas, muitas, mas muitas, já concluíram o apendizado e deixaram a escola primaria.

Contra a linguagem impressionante mas inveridica das estatísticas, offereçamos todos nós as considerações que ahi ficam, positivas e insophismaveis. No Brasil, hoje em dia, já se toma a serio o ensino das primeiras letras. Nas cidades e nos grandes povoados pôde o povo em geral contar com escolas para seus fi-



lhos. Nos sertões, infelizmente, tal não se dá, mas pelo menos, existe o desejo indomável de seus habitantes, de instruir os filhos, razão porque reclamam escolas.

Cumpre-nos, pois, pedir a todos os Governos dos Estados e ao proprio Governo Federal, que se decidam por encarar com o maximo interesse a nossa situação, sem desfallecimento nem pessimismo, mantendo escolas para a metade de sua população infantil de 7 a 14 annos, distribuidas com critério pelos diferentes pontos de seu territorio e com uma fiscalisação que garanta o mais regular funcçãoamento, para mais seguro exito.

Não ha negar que no Brasil os nossos homens publicos cuidam mais do ensino secundario e superior. E' um erro despender-se muito dinheiro com esse ensino, pois que ha uma grande maioria que cresce e começa a formar-se para a

vida, alheia ás primeiras luzes do alfabeto.

Os estabelecimentos de curso secundario e superior têm recursos para manter-se, mediante taxas de matricula aos seus frequentadores, os quaes, na sua grande maioria, podem pagar.

A escola primaria deve ser sempre a preferida, por que destina-se ao povo, e a instrucção deste é taxativamente, obrigatoria pelos cofres da Nação.»

Este sensato artigo deve ser para os nossos dirigentes da União, dos Estados e dos Municipios mais um incentivo, porque nelle o professor Martinez lhes demonstra que o problema pode ter solução mais rapida do que suppoem habitualmente.

Francisco F. Mendes Vianna.

## LIVROS DE LEITURA

*Em nosso ultimo numero publicamos um interessante e opportuno artigo do Dr. Porto Carreiro, conhecido e competente professor da Escola Normal e autor de uma excellente grammatica da lingua portugueza, sobre a orientação que deve ser seguida nos livros de leitura destinados á escola primaria.*

*Nos meios pedagogicos existe hoje, felizmente, um vivo interesse pelo assumpto e ultimamente o Director da Instrucção Municipal encarregou uma commissão de professoras de examinar os livros de leitura adoptados nas escolas do Districto Federal e aconselhar sobre as condições que taes livros devam preencher.*

*Publicamos, a seguir, esse trabalho, cuja oportunidade e cuja utilidade não precisamos encarecer.*

Illmo. Sr. Dr. Director da Instrucção Publica do Districto Federal

Attendendo ao que solicitastes no tocante a nossa opinião sobre as condições que devem preencher os livros de leitura, destinados ás escolas primarias, embaraçadas nos sentimos por ser demais honrosa para nós essa tarefa e comprehendemos que de novo cousa alguma iriamos affirmar sobre o assumpto.

Achamo-nos, entretanto, na obrigação de expôr nossas idéas com a simplicidade e franqueza que costumamos usar em nossas manifestações.

Começaremos declarando que julgamos mais facil estabelecer os moldes

que devem servir a esses trabalhos pedagogicos que realizal-os; como a nós professoras, que diariamente observamos, junto á criança, vantagens e desvantagens dos livros, em geral não sobra tempo para os fazer, talvez seja muito bem lembrado o que determinastes: receber de nós informações sobre o que mais possa convir, de accôrdo com as observações da pratica.

Passamos, pois, a expender despreziosas opiniões a respeito.

### I

#### Linguagem

E' condição indiscutivel a um livro de leitura, *linguagem correcta e simples* adequada em vocabulario e fórma á idade das crianças a que se destina.

E' preciso que a leitura, logo o livro, não só concorra para corrigir-lhes os erros, os vicios de linguagem, como que auxilie paulatina e gradativamente o opportuno enriquecimento do vocabulario e ainda que não deturpe a lingua patria, que a não corrompa com barbarismos: é preferivel que o livro contenha grande numero de episodios, de costumes e expressões bem regionaes *brasi-*

### III

#### Idéas

Sobre *idéas* affirmamos que devem estar ao alcance dos alumnos e vir augmentar o numero das que elles já possuem, mas de modo methodico e educativo, para que se não confundam e não lhes perturbem a formação intellectual.

### IV

#### Assumpto mysterioso

O assumpto mysterioso e inteiramente falso muito interessa á criança mas não nos parece educativo, porquanto a imaginação é a faculdade da intelligencia que mais intensa se apresenta na infancia e que convém orientar mas não excitar.

Pensam alguns convir dar á criança a crença nas fadas e entidades maravilhosas que lhe proporciona tantas venturas. Não nos parece implicar a contensão da faculdade imaginativa na diminuição da felicidade e alegria, pois aquella tanto se póde arrojear ao bem e ao prazer, como ao mal e ao padecimento, ao medo e ao horror, sendo que, não raro, o ultimo effeito se observa, tornando a criança fraca, pusilanime, medrosa!

#### Assumpto natural

Julgamos, pois, o assumpto natural, real e verdadeiro o mais educativo, notando-se que ali deve ser escolhida de preferencia a realidade agradável á triste, ainda que se apresentem alguns factos que nos trazem soffrimento, desde que não sejam elles impressionantes ou irremediaveis, por demais deprimentes ás naturezas infantis.

#### Assumptos impressionantes

##### TEMPERAMENTO BRASILEIRO

Os assumptos muito commoventes não nos parece convirem a uma classe primaria, principalmente em se tratando dos Brasileiros, em que os temperamentos pelas condições mesologicas e ethnicas, são vibrates e sentimentaes. Do ponto de vista pedagogico, propriamente

*leiras*, explorando o professor *intelligente-mente* a circumstancia que se lhe offerece de pôr a criança a par da vida nos diferentes pontos do Brasil, a que seja um livro *estrangeiro* na idéa ou na forma de expressão quer seja linguagem escripta, quer desenho que tanto impressiona os sentidos e tanto fala ás crianças principalmente. As proprias traducções de obras julgadas de valor e assim indispensaveis, já por faltar a abundancia do trabalho nacional, já mesmo pela necessidade de fazer conhecer algo da vida de outros povos em cotejo ou não com a nossa, nos ultimos annos do curso primario, essas traducções, repito, que sejam *carinhosamente feitas para a lingua patria*, mantendo-se a sua indole tanto quanto possível dentro do pensamento alheio, filtrada atravez do sincero patriotismo que deve conservar intacta a melhor manifestação de um povo, a sua propria alma—a lingua patria.

A questão orthographica é de summa importancia, devendo sempre ser respeitada em livros que se destinem á escola primaria, a officialmente aceita, que para nós é a mixta ou usual, embora o que haja reconhecidamente absurdo possa ir sendo demovido sem profunda revolução, sem transformações bruscas e completas, tal como aos poucos se chegou a não escrever mais: *hum, rey, foy, aly* ou *ally, he* etc..

### II

#### Delicadeza de linguagem

A delicadeza do trato muito diz da educação de um povo e a linguagem pouco delicada não convém a livros, revistas ou jornaes que devem reflectir o character e as condições de civilização. Ora, os termos por demais populares, de gyria ou expressões correntes pouco finas, não podem apparecer nas leituras para as crianças: para essas, já é excessiva a influencia pessima do que ouvem dizer, e devemos compensar esse prejuizo com severa exigencia no esmero da linguagem dos livros, principalmente didacticos. A Commissão se viu forçada a deixar de adoptar alguns trabalhos interessantes, bem orientados e originaes á vista desse grande defeito.



dito, isto é, attenta a condição de prenderem a attenção das crianças, são aquelles assumptos inegavelmente de primeira ordem, pois é incontestavel que tanto mais attrahem, quanto mais impressionavel é o individuo que os aprecia.

Isso não importa, porém, em affirmar que sejam convenientes; de modo nenhum: na relação dos livros a adoptar, a Comissão deixou de incluir um excellente livro, «Contos Patrios», exclusivamente por esse motivo.

Os themas devem ser de preferencia propriamente recreativos, contos engraçados que provoquem hilaridade, pois a alegria é um dos bens a que a criança tem direito.

## V

**Incidentes da vida commum**

## APRECIACÕES MORAES

Incidentes communs na sociedade, na familia, na escola, tratados de modo natural, são assumptos adequados, como verificamos pelo emprego dos bons livros já existentes. Ha observações a esperar dos alumnos, commentarios que muito fazem conhecer ao educador o temperamento delles. As interpretações dadas por este ou aquelle aos sentimentos dos typos em questão, são bem diversas e provocam estudo psychologico de primeira ordem.

Naturalmente nos conduzem taes assumptos a apreciações moraes, nas quaes nem sempre convém insistir, pois, a moralidade do caso mesmo não reduzida a palavras, exerce benefica influencia.

## VI

**Recompensas e castigos**

## IDÉAS FALSAS

Não é educativo apresentar á criança o mal acompanhado do castigo e o bem de uma tal ou qual recompensa. Isso para nós é uma realidade que não merece discussão, por termos a feliz certeza de que a maior punição deste mun-

do ao mal que praticamos é o reconhecimento da nossa falta, assim como é recompensa, a satisfação de havermos praticado o bem; encontramos em nós, dada por uma força superior, a punição ou o premio. Mas, exposta assim, a idéa seria phylosophica demais, e, procurada uma recompensa material ou directa e exterior, não corresponderia absolutamente á realidade e deixaria mais tarde nosso educando em tristes desillusões.

Conduzamo-lo, pois, praticamente áquella suave e doce persuasão que faz nossa felicidade na vida, e que nos dá força para supportarmos alguma injustiça que nos advenha.

Lendo uma historieta, é natural que as crianças se inclinem para o bem e sintam repulsa pelo mal. Aproveitaremos essas sympathias ou antipathias e as apreciações e commentarios do alumno, para leval-o á convicção de que as vantagens estão sempre com os bons ainda que aparentemente caibam, não raro, aos máos.

## VII

**Estudar na natureza, depois no livro**

A leitura sobre «lições de cousas», tão apreciada por nós outros, não o é pela criança. Esta deve conhecer a natureza, em primeiro logar, na propria natureza, para depois estudal-a mais systematicamente no livro. E' a razão por que um livro de sciencias physicas e naturaes que tanto nos interessa mesmo quando de simplicidade infantil, não agrada muito áquelles justamente a que se destina.

Assim os trechos de leitura sobre animaes, vegetaes ou mineraes tomados do ponto de vista propriamente scientifico, não prendem a attenção da criança. Si lhe fôssemos narrando uma historia sobre os seres e aproveitássemos incidentalmente as occasiões para lhe falar do modo por que se conduziam, onde gostavam de morar ou eram encontrados, de como se alimentavam, quanto durára sua existencia, etc., o leitorzinho se prenderia talvez á tal historia e assimilaria alguma noção scientifica.

## VIII

**Observações geographicas ou do meio**

Parece-nos bom lembrar a descripção de viagens ou passeios e do local onde se dessem os episodios, sem cunho de geographia propriamente, deixando á criança alguma cousa a descobrir: pelas circumstancias citadas ella deveria concluir si a scena se passava em sala, quarto, jardim, pomar, em praia ou em montanha, em tal ou qual paiz ou região. Assim como analysa no exercicio de redacção, faria do que lesse uma synthese.

## IX

**Variedade do assumpto**

A variedade do assumpto é condição *sine qua non* do interesse da leitura nas classes primarias, principalmente nas do inicio.

Como meio educativo, entretanto, considero bem pensados os livros que trazem uma mesma historieta dividida em capitulos, precisamente para contrariar o dispersivo impulso natural da criança á novidade e preparar a firmeza, a perseverança, qualidades para que ha de concorrer a educação.

**Equilibrio das faculdades intellectuales**

No educar precisamos nos adaptar ao ser ainda infantil, fazendo-o, todavia tomar as direcções que julgamos melhores para sua formação de adulto, sem prejuizo das vantagens que deve conservar da infancia, mas tendo o cuidado de, evitando que se exaggerem as faculdades intellectuales que elle já possui como innatas, procurar estabelecer o equilibrio natural, o desenvolvimento das outras, acaso ainda insufficientes.

## X

**Capitulos divididos e não em seguimento****Nota sobre as faculdades de observação, attenção e memoria.**

A divisão das historietas póde ser feita tambem sem indicação especial, isto é, tratando um trecho de certos episodios e personagens, apparecendo esses novamente em episodios relacionados aos anteriores em ponto mais adiantado do livro.

E' meio educativo de valor para o desenvolvimento das faculdades de observação, attenção e memoria e de verificação experimental dessas mesmas faculdades nos diversos alumnos da classe.

Essa verificação se torna facil, porque resultará da medida da impressão causada pela leitura modelo feita pelo professor e que deve preceder a dos alumnos.

Ora, não fosse esse o modo de preparar a lição de leitura e não poderíamos apurar a intensidade da impressão dessa leitura, feita pela criança a sós, em mais ou menos tempo, uma ou varias vezes, nem avaliar a possivel influencia extranha de alguem que lhe tivesse recordado leitura anterior relacionada áquella, impedindo, pois, a iniciativa mental tão necessaria, tão para despertar e estimular.

## XI

**Inconveniente do autor parcial**

O autor apaixonado não nos parece convir muito a quem quer que seja e menos ainda á criança. Tratando do assumpto com parcialidade não será essencialmente verdadeiro, ainda que o possa ser em consciencia, e como falte á criança, em dados casos, capacidade para discernir entre o falso e o exacto, as idéas falsas se lhe poderão gravar, o que, de nenhum modo convém.

**Leitura Primaria**

Pelo Prof. M. BONEFIN

— RUA CHILE, 9 e na LIVRARIA ALVES —

Creanças e Homens, para o 2º anno  
Licções e Leitura, para o 1º anno  
Licções e Leitura, livro do mestre  
Cartilha, com abecedario animado

— Na Casa ELECTROS



### Proveito tirado do defeito anterior, para as classes adiantadas.

Em classe adiantada, entretanto, quando acompanhada a leitura pelo professor, que deve ser imparcial, calmo e comedido em suas opiniões, a oportunidade da discussão da idéa do autor, pode constituir até vantagem para os alumnos. Formar-se-á nelles a noção de sua propria personalidade, de sua liberdade de julgar e escolher, e de que, ao ler um livro ninguem, está adstricto a imbuir-se de tudo quanto vem asseverado, tão pouco deve repellil-o só porque não coincida com a sua maneira de pensar e sentir.

E' então educativa a leitura de alguns livros assim feita.

### XII

### A imparcialidade na Historia e principalmente com relação ao Brasil

Isso dizemos principalmente do ponto de vista historico—raças, povos, costumes, desenvolvimento, instituições etc.

Com relação a nosso paiz, por exemplo, ha duas correntes contrarias— a dos pessimistas e optimistas. Entre essas apparece uma, muitas vezes malsinada, a media, aquella que nem de tudo maldiz nem julga terminada nossa tarefa.

### Prejuizo da humilhação intlin-gida a nosso povo

Si pernicioso é para o nosso progresso inflar o brasileiro e encher-o de orgulho ante os esplendores da natureza que o cerca desde o berço, afirmar que este paiz é o mais rico do mundo, circumstancias que, em ultima analyse, não representam seu esforço proprio, mais pernicioso ainda é pôr em demasiado destaque certas desvantagens como a falada indolencia natural, influencias climatericas e atavicas, endemias e cousas analogas que, mais contribuem para abater o moral do que para fazer com que

os adultos de amanhã sejam aptos a lutar e vencer.

Não é isso pedagogico,—não se envaidece nem se humilha o educando para que elle progrida—, é principio conhecido do mais modesto educador! Como assim proceder com o povo brasileiro?

Evitando cautelosamente um e outro desses extremos, cumpre, pensamos, que o mestre e o autor façam que, nos espiritos infantis, nem se gere e radique a crença de que cousa alguma é preciso emprehender, pois que já somos opulentos, nem a de que cousa alguma é possível tentar, pois que sobre nós pesa uma inexoravel fatalidade.

Ao contrario, á criança torna-se indispensavel incutir que o esforço é sempre util, mais que util,—imprescindível, para melhorar o que já é bom, para eliminar ou ao menos alliviar o que é máo.

Apontando-lhe os recursos a nosso alcance, mostremos como elles podem ser aproveitados em beneficio geral; não occultando os males de que possamos padecer, indiquemos logo o remedio a adoptar para que sejam corrigidos em proveito do Brasil, em proveito do genero humano. Si assim temos de proceder em relação á vida social em todos os paizes, porque seguiríamos orientação diversa quanto á nossa propria Patria?

### XIII

### Sentimentos de solidariedade e paz

Não devemos acoroçoar o instincto bellicoso na criança, chamando a attenção della sobre a gloria alcançada principalmente na guerra, e sim desenvolver os sentimentos de solidariedade, de paz que tanto concorrem para o progresso e ventura dos povos.

Os trabalhos pela paz e os sacrificios pelos nossos semelhantes são os mais uteis e proficuos.

As victorias sobre o mal e sobre nós mesmos são mais humanas, mais grandiosas em sua sublimidade. Essas são possíveis a todos e em todas as epochas, mesmo naquellas venturosas e ideaes em que cada um só queira para os outros

o que deseje para si e, mais ainda, em que o devotamento ao proximo seja o principio geral dessa humanidade tão bem formada á imagem de um Creador bom e misericordioso em sua omnipotencia!

### XIV

### Numeração de livros

Seria conveniente que os autores ordenassem seus livros de modo a servir o primeiro aos alumnos que houvessem apenas feito o estudo da leitura no quadro e os outros seriados e graduados de accordo com a dificuldade. Ao escolherem tambem o titulo de um livro de leitura, poderiam logo declarar para que anno o julgavam conveniente. Orientariam o professor, que não seria, entretanto, obrigado a usal-o naquella classe, si com isso não concordasse.

E' evidente que não teriam todos de uma mesma ordem exactamente a mesma dificuldade, e o professor os empregaria pelo modo que melhor lhe parecesse, diversos primeiros, depois varios segundos etc..

Actualmente isso não se observa, havendo «Primeiros livros» precedidos de varios outros na mesma série. portanto, difficeis para um 1º anno ou mesmo 2º. Outros ha, chamados «Primeiros», sem antecedentes na propria série, mas bem complicados para os dous primeiros annos ou menos simples que os segundos de outras séries pelo vocabulario ou extensão dos capitulos, si bem pareçam mais faceis pelo aspecto geral, pelo typo em que são impressos, circumstancia importante no caso.

Essas discordancias ou incoherencias nada pertubam o serviço dos que têm competencia ou pratica para discernir ou ambos esses attributos, mas difficultam talvez a acção de outros a que falte talvez o ultimo.

Não trataremos aqui do desprazer que tem a criança de passar de um livro numericamente superior a outro designado como inferior, nem do que sobre isso possa pensar a familia do educando: á primeira explicaremos o facto para que se não entristeça e a familia deve ter, como em geral tem, tal confiança na escola que escolheu, que não entra em taes cogita-

ções e, em caso contrario, receberia a mesma orientação que a criança.

Referimo-nos tão somente ao cuidado que precisa ter o professor em apreciar bem o livro para verificar a que anno deve elle servir.

Quando falamos sobre a dificuldade da leitura de tal ou qual livro, não consideramos a leitura materialmente ou melhor machinalmente feita, sinão a intellectual, como convém em todos os casos.

Em nossas escolas garanto que em 3 mezes algumas crianças poderão ler em livros muito simples e de vocabulario restricto.

E seja qual for o bom methodo empregado, dentro de 6 mezes alguns alumnos lerão qualquer trecho que se lhes apresente; estarão na segunda phase da leitura, pela classificação de Binet. Quer isso dizer que lhes possamos dar a ler qualquer livro, revista ou jornal? Claro que não.

A leitura deve evoluir, mas sempre de tal modo que a criança interprete o que lê e possa sobre suas duvidas receber explicações.

Ora, o programma actual que muito bem considerou a necessidade de não acelerar os passos no inicio do curso para mais firmar e adiantar por fim, importante principio pedagogico, exige que o alumno se alphabetise no 1º anno e delle não exige muito; considera-o no 2º anno ainda bem principiante e não podemos forçal-o á leitura nos «Primeiros livros», uma vez que outros mais simples ainda lhe convém, tendo sido por isso indicados pela Comissão Revisora dos livros didacticos para esse fim. Alguns «Primeiros» ficaram para o 3º anno, e, como exemplo, citaremos o da série Braga que é dos mais difficeis.

Só no 3º anno, pelos programmas actuaes, elles podem ser amplamente interpretados e convenientemente commentados. O 3º dessa mesma série se distancia dos outros pela linguagem, formação de periodos e assumptos, como temos verificado, vindo indicado pela Comissão para um 6º anno em inicio.

A commetter algum erro na escolha da leitura para a classe, é preferivel seja elle por defeito a ser por excesso de dificuldade, que dá logar a nenhum aproveitamento, ao vicio de ler o individuo



por cima das letras sem penetrar o sentido e apreciar as bellezas, e conduz ao horror tomado á boa leitura por alguns, facto muito observado infelizmente.

## XV

**Trechos em prosa e verso**

E' de grande vantagem que trechos em verso sejam intercalados a trechos em prosa. Ha, porém, casos em que tal não seria possível nem conveniente. Então, para acompanhar um livro em prosa, o professor terá o cuidado de escolher um em verso, sendo a leitura feita nos dous alternadamente.

A parte material do livro : papel regular para resistir ao uso em mãos de criança, e não completamente branco para repousar os olhos, para não fatigalos ; typo de letra grande nos primeiros livros principalmente, chegando nos ultimos da serie (para os annos adiantados do curso primario) ao commum, isto é, não excedendo do typo n. ; de prefe-

rencia illustrado com desenhos apropriados, sem o abuso de gravuras estrangeiras, desenhos, portanto, de cunho nacional ; em estylo ou escala que a criança possa comprehender, nitidos, sem prejuizo da feição artistica, quer sejam a preto quer coloridos, para não barbarizarem o gosto do povo e, ao contrario, cultivalo, aperfeiçoando-o.

São essas as ponderações que sobre o assumpto entendemos fazer-vos e, daremos por bem empregado nosso trabalho, si alguma vantagem d'elle resultar para o ensino ou auxilio para vossa bem intencionada e intelligente administração.

## Saudações

Rio de Janeiro, 11 de Fevereiro de 1924.

A comissão revisora de livros didacticos

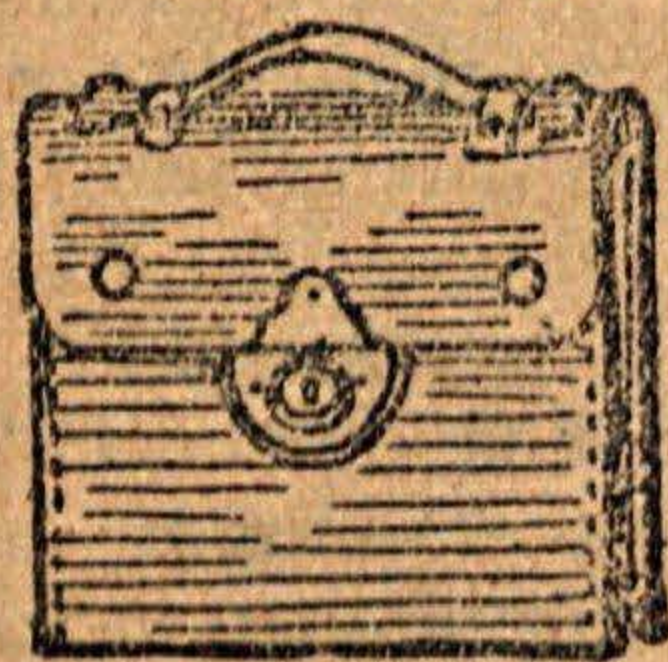
(Assignados).

ZELIA JACY DE OLIVEIRA BRAUNE  
ARTEOBELLA FREDERICO  
ILZA MARTINS MACEDO

**Textos para corrigir** -- *Compilados pelo professor OTHELO REIS -- Acaba de sair do prelo esta interessantissima collectanea de composições, em que se encontram consignados os mais frequentes erros de linguagem. Livro especialmente organizado para servir á rapida revisão do estudo da lingua vernacula, por meio da correcção collectiva ou individual.*

A' venda na LIVRARIA FRANCISCO ALVES — Rio de Janeiro

Fabricação especial de  
pastas para collegiaes



CAIXA POSTAL 2.223

**Casa Scorel**

**ARTIGOS PARA COLLEGIAES**  
RUA JOSÉ BONIFACIO, 18  
S. PAULO

**II. — A ESCOLA****METHODO DAS UNIDADES COLLECTIVAS**

(Continuação)

Desejo completar nas linhas que seguem a pequena lição de Arithmetica que escrevi para as classes primarias sob o titulo—*Methodo da determinação de unidades collectivas*. publicada em o numero de Dezembro p. p. da «*A Escola Primaria*» e offerecida ao insigne e saudoso mestre Dr. Francisco Cabrita, cujo fallecimento occorreu no Rio dias antes da publicação da mesma lição.

Estou certo que, se ainda vivesse esse eminente educador e grande amigo da instrucção popular, algum apreço daria ao meu singelo trabalho, porque soube sempre dar valia ao esforço de todos aquelles que sinceramente concorriam, ainda que modestamente como o obscuro autor destas linhas, para a construcção do grande alicerce em que ha de assentar definitivamente o magestoso edificio do progresso de nossa querida patria — *A Instrucção Popular do Brasil*.

**Exposição**

Continuaremos, pois, a explicação do mesmo assumpto acima ás classes primarias mais adiantadas das nossas escolas, apresentando aqui dois casos da *Regra de tres composta*, em que figurem no primeiro sómente quantidades inversamente proporcionaes e no segundo quantidades directa e inversamente porporcionaes.

Seja, por exemplo, este o problema de que se deseja obter a solução pelo methodo já referido: — 25 operarios, trabalhando durante 9 dias de 10 horas, fazem uma determinada obra ; quantas horas diariamente precisarão trabalhar 18 operarios, nas mesmas condições dos primeiros, para fazerem, em 12 dias, a mesma obra ?

**Solução**

Colloquemos em duas linhas, como nos exemplos já explicados, os dados do problema :

25<sup>op</sup>—9<sup>d</sup> —10<sup>h</sup> —  
18 — 12 — x

Tomemos para unidades collectivas os dois primeiros valores da primeira linha, isto é, os dois primeiros valores da linha em que todos os seus elementos são conhecidos. Posto isto, temos os seguintes numeros que medem as diferentes grandesas do problema e de que depende o numero pedido de horas :

18  
— de 25 operarios  
25  
12  
— de 9 dias.  
9

Sendo aqui todas as quantidades inversamente porporcionaes ao numero de horas de trabalho, o numero de horas pedido será tanto maior ou tanto menor, quanto menor ou maior fôr o numero de operarios ou de dias, donde temos, portanto, que dividir, em lugar de multiplicar como fizemos para o caso de quantidades directamente porporcionaes o numero de horas pelo numero de operarios e pelo numero de dias, successivamente. Assim :

$$x = \left(10 : \frac{18}{25}\right) : \frac{12}{9} = \left(10 \times \frac{25}{18}\right) : \frac{12}{9} =$$

$$= 10 \times \frac{25}{18} \times \frac{9}{12} = \frac{10 \times 25 \times 9}{18 \times 12} = 10 \frac{5}{12} \text{ horas,}$$

ou 10 horas e 25 minutos.

Supponhamos agora o segundo exemplo : 32 pedreiros em 15 dias de 12 horas podem construir um muro de 96<sup>m</sup> de comprimento ; de quantos dias precisarão 24 pedreiros para fazerem outro muro de mesma altura e largura, trabalhando 9 horas diarias, tendo porém 48<sup>m</sup> de comprimento ?



### Solução

Escrevamos os dados como nos exemplos já ensinados.

$$32^p - 15^d - 12^h - 96^m - \\ 24 - x - 9 - 48$$

Formemos os numeros que nos dão as unidades collectivas, 32 pedreiros, 12 horas e 96 metros :

$$24 \\ - \text{de } 32 \text{ pedreiros} \\ 32 \\ 9 \\ - \text{« } 12 \text{ horas} \\ 12 \\ 48 \\ - \text{« } 96 \text{ metros. Por ser aqui o} \\ 96$$

numero de dias directamente proporcional ao comprimento do muro e inversamente proporcional ao numero de operarios e ao numero de horas de trabalho diario, temos a solução do problema dado pela seguinte regra geral : *Multiplicam-se pelo valor da mesma especie de x as fracções que nos dão as unidades collectivas, quando todas as grandesas forem directamente proporcionaes a esse valor; ou divide-se successivamente o valor da mesma especie de x pelas fracções resultantes das unidades collectivas, quando forem inversamente proporcionaes do mesmo valor.*

Assim, por ser o numero de dias directamente proporcional ao comprimento do muro e inversamente proporcional ao numero de operarios e ao numero de horas de trabalho diario, temos conforme a regra acima :

$$=x \left[ \left( 15 \times \frac{48}{96} \right) : \frac{9}{12} \right] : \frac{24}{32} = \left( 15 \times \frac{48}{96} \times \frac{12}{9} \right) : \frac{24}{32} = \\ = 15 \times \frac{48}{96} \times \frac{12}{9} \times \frac{32}{24} = \frac{15 \times 48 \times 12 \times 32}{96 \times 9 \times 24} = 13 \frac{1}{3} \text{ dias.}$$

Convem não esquecer que as unidades collectivas são, para todos os casos, os valores da linha em que os elementos forem todos conhecidos.

Manãos, Janeiro de 1924

ABILIO DE BARROS ALENCAR.

(Lente da Escola Normal de Manãos).

### GEOGRAPHIA

#### DIVISÃO DO BRASIL EM GRANDES REGIÕES NATURAES

Os vinte estados em que o Brasil está dividido, bem como o Districto Federal e o Territorio do Acre, formam cinco regiões que se distinguem naturalmente umas das outras pelo aspecto physico, clima e produções.

1ª. Região Septentrional ou Amazonia. E' constituída pelo Acre, Amazonas e Pará.

E' a região mais bem servida em cursos dagua, comprehendendo o grande rio Amazonas e a principal parte do curso dos seus innumerados afluentes.

E' um enorme valle, limitado ao norte pelo systema Parima e ao sul por algumas serras da cadeia Central.

Cortada pela linha equinoxial, essa região tem, entretanto, clima suave, dado o grande numero de rios e florestas ma-

gnificas que, consequentemente, possui. As chuvas são frequentes.

A riqueza vegetal é constituída principalmente de borracha, cacáo, castanhas e madeiras.

2ª. Região Nordeste — Comprehende os estados que vão do Maranhão a Alagoas. Falta a essa região o que a primeira tem fartamente : grandes cursos dagua. Os rios desses estados são todos de menos importancia, pelo pequeno volume de suas aguas, o que não permite a navegação.

Muitos delles seccam durante o verão e, como as chuvas são escassas, produz-se o grande flagello das seccas que afflige principalmente a terra cearense.

O clima é quente, com excepção de algumas regiões elevadas, suavizado pelos ventos aliseos.

As grandes produções são : algodão, assucar, palmeiras e gado.

3ª. Região Oriental — Abrange os estados de : Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, bem como o Districto Federal.

E' uma região fertilissima, bem provida de rios, mattas esplendidas e sobretudo de uma extraordinaria riqueza mineral.

O clima é menos quente que o das outras duas regiões e suavizado por chuvas frequentes.

Nos logares elevados, principalmente nos estados de Minas, Rio e S. Paulo, a temperatura é sempre agradável no verão, sendo, no inverno, extraordinariamente fria, mas de um frio secco, supportavel, saudavel.

As grandes riquezas dessa região são : café, fumo, cacáo, assucar, fructas, gado e mineraes de toda especie.

4ª. Brasil Meridional—E' formado pelos estados de Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

São constituídos esses estados de uma faixa de terra entre o littoral e as grandes serras da cadeia Maritima, optima para a cultura de cereaes.

Dahi para oeste formam a extensa chapada do Paraná, coberta de pinheiraes riquissimos.

Caracterisa-se essa região pelo clima frio, muito saudavel.

As chuvas e geadas são frequentes no inverno.

E' grande a produção de herva matte, pinheiros e cereaes.

A criação de gado é tambem notavel.

5ª. Brasil Central—E' formado pelos estados de Goyaz e Matto Grosso.

E' a região de maior altitude do Brasil, formando o planalto Central de onde descem muitos cursos dagua : os do norte correm para o Amazonas, os do sul para o rio Paraná.

O clima, com excepção de uma parte alagadiça de Matto Grosso devido ao transvasamento das aguas do Paraguay — e onde reinam febres, é extraordinariamente saudavel e fresco.

Fertilissima região, seriam ahi importantes todas as culturas. Dadas, porém, as difficuldades da falta de meios de comunicação, apenas a criação de gado se tem desenvolvido.

Apezar disso, a borracha, ao norte, e a herva matte, ao sul, são productos importantes.

Para que estas noções sejam perfeitamente assimiladas pelos alumnos do 4º anno que não teem ainda, em memoria, a noção exacta do mappa de nossa Patria, é necessario que seja traçado no quadro negro e copiado pela classe o contorno do Brasil, assignalando-se os principaes rios e fazendo-se o limite das differentes zonas.

Não nos devemos preoccupar com a divisão das mesmas em estados; isto se fará por occasião do estudo de cada região separadamente.

SEBASTIANA FIGUEIREDO

### Tres Palavrinhas

Vão hoje tres palavras esdruxulas, em que muita gente tropeça.

**Compar** — Os tres compostos de *par* são todos paroxytonos no singular e proparoxytonos no plural. Pronuncia-se, pois, *cómpar* e no plural *cómpares*. Era assim em latim, e as senhoras que vão á igreja bem o ouvem no *Tantum ergo*, quando se canta: *Cómpar sit laudatio*. Do mesmo modo, *ímpar* e *dispar*, que se pronunciam *ímpar* e *díspar*, e no plural

### UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS :

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45

RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes — RUA ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escritorio RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412



*impares e díspares.* Quanto á palavra *impar* nunca vi que alguém hesitasse, mas nas outras são frequentes a duvida e o erro.

**Hilare.** — Por analogia com o nome proprio *Hilario*, que é frequente, observa-se que a este adjectivo, menos habitual na prosa corrente, fazem em geral grave pela accentuação tónica. Erram, porém, os que assim pronunciam: é *hílare* e não *hiláre* que se diz.

**Irrito.** — Aqui também, é *irrito* que se profere, com accentuação tónica na primeira syllaba. Se paroxytona, a palavra será a primeira pessoa do singular do indicativo presente de *irritar*. No sentido de *não conforme com o direito*, é *irrito* que se diz. «Irrito e nullo» é a expressão consagrada em direito, mas o *irrito* com accento tónico em *ir*. Isso é o certo, ainda que de quando em quando, da bocca de alguns causidicos saia

irritantemente o *irrito* paroxytono. Não é só nas installações materiaes que o *Forum* está mal. Aqui está quem já ouviu de bacharel a seguinte exhortação: «*Exímeros jurados! Não consinteis que esse pobre homem fique secretado da sociedade durante o melhor de sua vida!*»

### Correspondencia de Tres Palavrinhas

**P. S. C.** — De pleno accordo. Reconheço que não é muito facil, mas a presada collega poderá fazer o que eu proprio fazia quando ensinava. Eu organisava séries de frases em que entravam essas palavras enganosas ao lado de outras sem perigo, e fazia-as ler pelos discipulos, em exercicio complementar á leitura do dia. Quando havia palavras parecidas, homonymas, etc., misturava-as todas. Obtive sempre bom resultado com esse processo.

MESTRE-ESCOLA.

## III - LIÇÕES E EXERCICIOS

### EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

#### Organização Política da Republica

O estudo da organização politica da Republica é materia em que ha de haver muita ponderação. E' a instrucção civica materia tida por arida, o que quer dizer que em geral deficientemente ensinada. Pois ha de o professor vencer essa aridez, não só procurando forma suggestiva e agradável, mas principalmente fugindo das minucias technicas, em que o discipulo não pode achar encanto.

Poucos, bem poucos são os factos, os conhecimentos exactos que é necessario reter. O que é preciso é que o alumno os comprehenda bem. Ha que ter em vista que é da «educação do cidadão»,

progresso material realizado, se não tivéssemos, una e homogenea essa alma, em a qual as nações deperecem.

Mostre a necessidade do governo para que se considere um povo entre os civilizados; as vantagens do imperio das leis. Faça apreciar como o governo é um facto natural e obrigatorio na sociedade. Saiba despertar o respeito ao governo. A criança deve aprendel-o bem cedo, e também que esse respeito não implica submissão passiva ao arbitrio, não exige humilhação nem abdicção da liberdade, condição aliás imprescindivel para que os governos sejam dignos desse nome.

Exponha em palavras simples o que é a federação, o que é a republica o que é a democracia. Ensine como se exerce

*Respeitae a autoridade e fazei-vos respeitar; mas obedecet e respeitae sem vileza e sem temor, e fazei-vos respeitar sem orgulho e sem tyrannia.*

P. MANTEGAZZA — *Il bene ed il male*

e não apenas da «instrucção» que se trata. Quer dizer que não basta ter de memoria regras, principios e factos; é necessario adherir em consciencia a esses principios, a esses factos. Ha de ser a aula tão viva, tão animada e tão suggestiva, que d'ella saia o discipulo fortalecido no seu amor pelo Brasil. Ora, é isso que se não obtem com a ministração de «pontos» aridos, sem calor e sem vida, que são postillas reduzidas de direito constitucional.

Mostre o professor o que é o Brasil—nação. Insista que é o povo com seus costumes tradicionaes, com sua lingua commum, suas communs recordações de gloria ou de dor, e suas communs aspirações de prosperidade no futuro, que constitue a alma do paiz. Pouco nos valeria o immenso territorio, pouco a enorme riqueza latente, pouco o

o governo, mas de tal sorte que o alumno se convença de que, desde a primeira cellula politica até a ultima, é o povo quem a si mesmo se governa.

Ensine, pois, como se faz o governo do municipio, do Estado e da União, e como o proprio paiz todo está ligado, por laços que julgamos inviolaveis, aos demais paizes do mundo, prendendo-se todos como que por um governo espirital de leis e de principios, convenientes e necessarios ao bem commum.

Ensine, tão elementarmente quanto possa, a divisão dos poderes, o modo pelo qual se fazem as leis, o modo por que se executam, e o modo por que o poder judiciario estabelece a recta interpretação das leis e o sentido exacto do direito.

Será forçoso ainda que mostre em traços geraes os laços que prendem os

#### VILLA DE PARIS

Uniformes e enxovaes para collegiaes  
Camisaria - Gravataria Roupas  
feitas Tecidos de lã e algodão

35, RUA DOS OURIVES, 35

RUA BUENOS AIRES, 76 - Rio

#### CASA ALVES

Compra e vende moveis usados  
Grande sortimento de moveis nacionaes  
"DISPENSA ALEXANDRE" é o desca nõo  
para a dona de casa.

#### J. A. PONTES

Filia: PRAÇA TIRADENTSE, 36

Tel. Norte 6787

RUA DOS ANDRADAS, 51-53

Tel. 2838 Norte

RIO DE JANEIRO

Chocolate e café Só

## ANDALUZA

Fabrica — RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO



cidadãos entre si, e os cidadãos e o Estado.

Descer, porém, a minucias relativas á confecção das leis, á constituição dos diversos órgãos dos poderes, etc. é porém transcender do que é necessário e conveniente no ensino elementar.

Para explicar as pontos de educação civica temos visto frequentemente que o professor ou recommenda compendios de direito publico e constitucional, ou de instrucção civica, ou prepara elle proprio suas postillas, calcadas em taes livros. Não quero negar que haja livros bem feitos para a materia, mas ape-

nas observar que quasi sempre seu palavreado é excessivamente tecnico, e o professor deve ter muito cuidado em não o reproduzir, mas ao contrario diluilo em termos de facil apprehensão para o espirito da criança.

A organização de «republicas» escolares tem sido tentada, mesmo entre nós, para dar mais vida a esta disciplina, de modo a tirar da pratica resultados mais compensadores. É uma experiencia digna de ser continuada, para que se observem com rigor os resultados.

Othello Reis

## HISTORIA E GEOGRAPHIA

### Historia

#### 4. ANNO

#### FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Eis um ponto que pode e deve prender facilmente a atenção da classe, ainda que esta seja composta de alumnos em geral de poucos annos de idade e incapazes de apprehender bem a importancia dos assumptos historicos. Contar como foi que se fundou uma cidade antiga, ou estrangeira, que não conhecemos, que nunca vimos, nem siquer talvez no cinema, é coisa difficil de interessar a creanças. Dizer-lhes, porém, o modo porque surgiu e prosperou e veiu a ser o que é hoje a bella capital em que vivemos, certo é assumpto de entreter as atenções mais instaveis e de interessar aos mais indifferentes pelo passado nacional.

Ainda assim, mesmo neste ponto é indispensavel evitar a monotonia dos nomes e dos dados; cumpre saber narrar e, a cada momento, relacionar presente e passado, explicando um com auxilio de outro e appellando para o que a creança já conhece afim de melhor fazel-a reter o que ignorava.

Ha infinitos processos de introduzir um assumpto de modo que logo desperte a curiosidade. Assim, por exemplo, pode-se começar explicando que nem sempre o Rio foi a capital do Brasil.

A principio a séde do governo era a Bahia, fundada quasi uns cincoenta annos depois de Cabral haver descoberto o nosso país, e menos de vinte annos antes da fundação do Rio de Janeiro. E o mais curioso é que os Francezes de certo modo nos obrigaram a mais depressa povoar estas formosas praias da Guanabara, pois aqui se estabeleceram uns cinco para seis annos depois da fundação da Bahia e fizeram boa amizade com os Tamoios, indios que habitavam esta porção do litoral. Ainda hoje se conserva o nome do chefe da colonia francesa na bem conhecida ilha de nossa bahia—Villegaignon—(melhor seria Villegagnon, sem *i*)—que os alumnos já devem ter visto muitas e muitas vezes. Aqui ficaram os francezes, sem que fosse tentado expulsal-os, cerca de cinco annos.

Só em 1560 foi que o governador geral do Brasil, Mem de Sá, pela primeira vez lhes deu combate, causando-lhes serios danos, mas não conseguindo expulsal-os definitivamente. Já aqui não estava o proprio Villegagnon, que no anno anterior se retirára desgostoso para a Europa a busca de novos soccorros, e que jamais tornou ao Brasil—Aqui estava um seu sobrinho (Bois-le-Comte—nome, aliás, de importancia secundária em um estudo elementar) que resistiu aos portuguezes. Estes, embora vencedores, não tinham forças para guarnecer as for-

tificações conquistadas; tendo-as arrazado, retiraram-se. Em breve os francezes retomaram as antigas posições.

Cinco annos depois um sobrinho do governador geral—Estacio de Sá, com reforços trazidos de Portugal e mais alguns soccorros das capitancias de S. Vicente e Espirito Santo, chegava ao Rio, ao findar o mez de fevereiro e no 1º de Março de 1565 fundava, na pequena península entre o morro de S. João e o Pão de Assucar, uma povoação fortificada, nucleo de futura cidade. O morro de S. João chamou-se a principio *Cara de Cão*, e a povoação estabelecida por Estacio foi mais tarde denominada *Cidade Velha*. Foi esta a primeira fundação do Rio de Janeiro, a futura capital do Brasil, a formosa metropole de que hoje nós orgulhamos e com razão.

*Primeira fundação*: sublinhe-se e explique-se.

O Rio tem entre outras peculiaridades curiosas a de ter sido fundado e refundado: uma primeira vez, com Estacio, em 65, e outra, a segunda e definitiva fundação, dois annos depois, em 67, com a expulsão completa e decisiva derrota dos francezes invasores.

Estacio de Sá não conseguia desalojar os inimigos das ilhas e do proprio continente. O concurso dos indios augmentava as difficuldades. Grande foi, então, o auxilio dos abnegados jesuitas—sobretudo o de Nobrega e Anchieta—para conseguir que indios fieis das capitancias proximas, com grande numero de canoas de guerra, prestassem apoio aos portuguezes para um combate geral.

A localização dos encontros mais renhidos é relativamente facil: no mappa se mostrará a ilha do Governador, tão rica na synonymia de seus appellidos:—Paranapiran, Paranapuahi, Maracajá, do Gato, dos Sete Engenhos—e a praia do Flamengo, junto á foz do ribeiro Carioca, hoje Cattete. Em Paranapiran a resistencia não foi grande; mas no forte de *Murçumirim*, ou melhor *Ibiraguassumirim*, no Flamengo, a luta assumiu proporções notaveis: sem falar nas perdas dos indios aliados, houve uma duzia de mortos e foi mortalmente ferido por uma frechada Estacio de Sá, que falleceu um mês depois, a 20 de Fevereiro. Coube assim a outro sobrinho de Mem de Sá, o cargo de 1º governador da cidade re-

cem fundada e esse foi Salvador Correia de Sá. Chame-se a atenção da classe para as denominações de ruas que evocam esses vultos do ponto: Mem de Sá, Estacio de Sá, Salvador Correia de Sá.

Sublinhe-se o valor dos indios, quer aliados aos francezes, quer fieis á nossa causa; e entre estes o sympathico Ararigboia, o dono da sesmaria de S. Lourenço, nucleo da Niteroi de hoje. Nem fará mal que sorria um pouco a pequena, ao ouvir a anecdota do fiel Martim Affonso, mais tarde em visita ao governador Salema, fiel mas despreocupada de etiquetas, de pernas trançadas contro os bons usos de então, já hoje tão diversos...

Explique-se porque mudou Mem de Sá a cidade do Cara de cão para o morro de S. Januario—o castello tradicional, que as conveniencias de nossa epoca exigiram fosse arrasado, para beneficio do Rio moderno. Aproveite-se o ensejo para mostrar como vão mudando com o tempo, as physionomias, não só dos homens, mas tambem das cidades. Que diferença—e dever-se-á proval-o com auxilio de gravuras—entre o Rio de Janeiro de hoje e o da epoca da proclamação da Republica, ou mais ainda, do principio do governo de Pedro 2º, ou, em recuo cada vez maior, da independencia ou, da vinda da familia real! Que dizer então do Rio de Janeiro nascente! Descreva-se em largos e suggestivos traços a primitiva cidade cercada de lagoas e brejos, sem calçamento, sem luz, sem nenhum dos recursos de hoje evidentemente, sem conforto, feia nas construcções primitivas, mas sempre bella da belleza incomparavel deste scenario de montanhas, de florestas e de mar.

Datando a fundação definitiva de 20 de Janeiro de 1567, mostre-se a circumstancia de ser S. Sebastião o santo a cuja protecção recorreram os portuguezes nos combates decisivos. Acrescente-se a coincidencia de ser D. Sebastião o monarcha de Portugal na epoca.

E fixando em poucas linhas tudo quanto se explicou, resumam-se num quadro as datas e nomes de maior importancia, pela forma seguinte ou por outra equivalente:

(1555)—Villegagnon e os francezes em Serigipe (hoje ilha de Villegaignon.)



(60)—Mem de Sá combate os invasores do Rio pela 1ª vez, sem resultado.

(65)—Estacio de Sá, junto ao Cara de Cão, funda pela 1ª vez, a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

20 de Jan. — Mem de Sá funda definitivamente a cidade do Rio de Janeiro, expulsando os francezes.

(68)—*Ararigboia*, o indio fiel, na aldeia de S. Lourenço, origem de Niteroi.

*Jonathas Serrano*

## Geographia

4º ANNO

*Technologia geographica*

### Terras e Aguas

Vosso estudo da terra começará pela observação do que vêdes em torno de vós mesmos. E' a geographia local, isto é, o estudo do pequenino lugar onde se acha a vossa casa, onde se levanta a vossa escola, onde está a vossa igreja, onde estão as casas de vossos vizinhos e amigos.

Vivendo em uma cidade a beiramar, tendes frequentemente occasião de contemplar a enorme massa d'agua que nos cerca. Compreendeis perfeitamente que a Terra, a que em geral chamaes «o mundo», consta de duas divisões essenciaes: uma que é firme, solida constituida pelas *terras*; outra liquida, que circumda as terras; ou estão pelo meio dellas, são as *aguas*.

Sobre as partes de terra vivemos nós, edificamos nossas casas, plantamos nossas arvores, semeamos nossos campos, andamos com os nossos proprios pés, ou montados em cavallos e outros animaes, ou ainda commodamente installados em carros, automoveis, bondes ou trens. Ahi vivem tambem numerosos outros animaes, cujos nomes conheceis.

Nas partes de agua vivem os peixes, como a tainha, a pescada, a garoupa, a sardinha, o vermelho; crustaceos

como o camarão, o siri, o caranguejo e a lagosta; molluscos como o polvo, e ainda numerosos outros animaes. Na agua não podemos andar por nossos proprios pés, mas navegamos, ou nos transportamos, e transportamos as mercadorias em embarcações de varias especies, taes como os grandes navios, as barcas, faluas, lanchas, botes ou jangadas.

Ha no mundo muito mais aguas do que terras. As terras como que saem, ou emergem das aguas, de sorte que se de um ponto qualquer da terra firme caminhar-mos sempre na mesma direcção, havemos de encontrar forçosamente, ao cabo de maior ou menor tempo, a agua, que é onde a terra acaba.

As terras, como já vimos, são habitadas por numerosissimas especies de animaes, das quaes a que mais nos interessa é a especie humana, a que pertencemos nós, homens, mulheres e crianças.

Vivemos ou moramos na terra, mas tambem nos servimos das aguas. Na terra fazemos as casas, plantamos e colhemos os vegetaes de que carecemos para nossa alimentação, criamos os animaes que nos são uteis, etc. Nas aguas nos transportamos, de algumas dellas nos servimos para beber, de outras tiramos o pescado, o sal, etc.

Umhas aguas são de sabor salgado e chamamos-lhes aguas salgadas, outras não possuem gosto de sal e nós as denominamos aguas doces.

#### DIVISÕES NATURAES DAS AGUAS

As divisões naturaes das aguas são: *oceanos, mares, golfos, bahias, estreitos, lagos e rios*.

As mais vastas extensões d'agua que conhecemos são os *oceanos*. Chamamos *oceano* ao conjuncto de todas as aguas salgadas unidas. O oceano propriamente dito subdivide-se em varias partes, e dizemos então que ha varios *oceanos*. A parte do oceano que banha o nosso paiz tem o nome de *Oceano Atlantico*. Ha ainda quatro oceanos, além deste: o *Pacifico*, o *Indico* o *Artico* e o *Antarctico*.

A's partes do oceano proximas de terra damos em alguns logares o nome

de *mares*. Mas tambem chamamos *mar*, em geral, a todo o oceano.

Bem conheceis o mar, porque certamente o tendes visto no seu constante movimento, formando *ondas*, ou *vagas*, que vêm rebentar em espuma junto da terra.

São os diversos mares constituídos de agua salgada, pois que são partes do oceano, mas uns possuem mais sal do que outros.

A essa faixa de terra, quasi sempre de areia branca e fina, que parece formar a separação entre as terras e as aguas, faixa que borda todas as terras, chamamos em geral *praia*. Ao contorno de uma terra, constituido pela linha onde ella é tocada pelas aguas, damos os nomes *costa* e *litoral*.

Bem conheceis tambem a nossa costa: são essas formosissimas praias de Copacabana, Gavea, Guaratiba, Cajú, São Christovam, etc., onde vamos gozar a enorme delicia do banho de mar, ou da fresca da tarde.

Mas deveis ter já observado que o mar apresenta varias dependencias. Aqui o litoral se estende liso, em rectas ou em curvas suaves e abertas; além já se dobra em consideraveis reentrancias, mais ou menos fechadas e apertadas, e o mar parece entrar e se alargar pelas terras a dentro. A essas dependencias do mar denominamos *bahias* e *golfos*.

Conheceis todos, ou porque já a vistes, ou porque d'ella ouvistes falar, a bahia de Guanabara, que, por muitos de vós já foi atravessada, na barca, em viagem para Niteroi.

E' uma das mais bellas do mundo.

Entre duas partes de terra, ligando portanto duas partes de agua; ha em varios logares do mundo passagens a que damos o nome de *estreitos*.

Se no interior das terras damos com uma porção d'agua bastante consideravel e larga, que podemos rodear por terra, dizemos que ahi está um *lago* ou uma *lagôa*, conforme a importancia da massa liquida. A agua dos lagos pode ser salgada, salobra e doce. Algumas vezes o lago ou a lagôa tem communicação com o mar ou com outro lago, ou ainda com um rio, qua abaixo vamos vêr o que é. A essa communicação chamamos *barra*.

Se encontrardes uma quantidade consideravel de agua que corre, sempre

numa direcção, direis que é um *rio*. A agua do rio é doce, isto é não tem sabor de sal. A um rio pouco consideravel damos os nomes de *regato*, *riacho*, *ribeiro*, *córrego*.

Tendes visto certamente muitos corregos e alguns rios e haveis de ter querido saber donde vêm. Os rios formam-se quasi sempre das *fontes*, *minas* ou *olhos d'agua*, que brotam de dentro da terra. Vae a agua escorrendo, deslisa pela terra afora, recebe outros fiosinhos d'agua que se lhe vêm juntar, e forma-se afinal o rio, que vae correndo, correndo, até acabar em outro rio, ou em um lago, ou no mar.

Com um pouco de terra ou de barro podeis vós mesmos representar, em um pequeno taboleiro de folha, as diversas divisões naturaes das aguas, de que vos falamos. Collocareis lado a lado a terra, bem batida, e a agua; fareis aqui uma reentrancia, será uma bahia; alem fareis um golfo; agora representareis um estreito. Depositareis aqui, sobre a terra, uma pouca d'agua, que fará uma poça—esta representa um lago ou uma lagoa; abrireis a communicação entre a lagoa e o mar, tereis a barra da lagôa. Agora, por meio de um tubo de borracha ou de vidro, fareis brotar a agua, aos pingos, da terra para fora, e ao cabo de pouco tempo um rio d'agua correrá, procurando o mar: é um rio.

A parte onde o rio tem inicio denomina-se *nascente* do rio; a parte onde termina, *foz* ou *embocadura*, ou *bôca*.

Aos dois lados do rio chamamos margens: margem direita e margem esquerda. Se acompanhaes um rio, andando na direcção em que vão suas aguas, estaes *descendo* o rio; se ides na direcção opposta, estaes *subindo* o rio. Se desceis o rio, a *margem direita* é a que fica á vossa direita, e a que vos fica ao lado esquerdo é naturalmente, a *margem esquerda*.

Quereis naturalmente saber donde provém a agua que brota nas fontes, sahindo do interior da terra. Esta provém da chuva e é levada para o interior da terra. Enormes quantidades d'agua assim se infiltram e, retidas pela terra, pelas pedras, pelas raizes das arvores, etc. permanecem largo tempo abaixo do sólo, donde vão escorrendo depois. Mais ade-



ante comprehendereis melhor como se formam os rios, quando vos puder ser dada explicação mais completa. Guardae por ora isto : que a agua da chuva se infiltra em grande parte, pela terra a dentro, e brota depois em fontes, para formar os rios.

O logar onde corre as aguas do rio é o que se chama *leito do rio*. Os leitões são em geral inclinados, sem o que as aguas não corriam. Quando no leito se acrescenta um grande desnivela-

mento, um degráo consideravel, as aguas se precipitam, formando *saltos, cascatas, cachoeiras e cataractas*.

Os rios que correm para outros rios denominam-se *affluentes* ou *tributarios*.

Mais adeante aprenderéis a definir com precisão o que sejam as diversas divisões naturaes das aguas, a que nos referimos. Por ora este conhecimento vos basta.

OTHELLO REIS.

## LINGUA MATERNA

### 1º ANNO

Apresentando a seus alumnos gravura que represente uma gallinha com pintos, por exemplo, o professor mostrará, exigindo-lhes activa collaboração, as semelhanças entre a mãe e os filhos ; a diversidade transitoria de seu revestimento externo ; os cuidados que a gallinha emprega para alimentar os pintainhos, abrigá-los e defendê-los ; como se formou a ninhada, etc.

Dirá tambem os motivos que nos levaram a domesticar a gallinha e algumas outras aves, bem como, os cuidados higienicos indispensaveis ás aves e aos aviarios, tambem por causa de nossa propria saúde.

Empregará todos os termos proprios e poderá passar ás generalidades a respeito das aves, pedindo informações ás creanças, apresentando-lhes estampas diversas e especimens que, por ventura, haja no museu da escola.

Terminada essa lição, si já for possível, fará pequeno dictado a respeito, si não, escreverá no quadro a phrase que deve ser copiada.

### 1º ANNO

Hontem fez annos a mãezinha de Irene.

A pequetita adormecera, na vespera, muito triste por não ter um presentinho para sua querida mamãe. Quando é o papae que faz annos ella tem sempre o que oferecer-lhe porque a mamãe

a ajuda na escolha e na confecção, em que a senhora trabalha mais que ell apropriada. Mas neste caso ninguem a ajudou : não tem irmãs, o pae é muito occupado ; as tias moram longe, e as aulas só agora se abriram.

Pobrezinha ! Que afflicção ! Como proceder ? Parece-lhe que a mãezinha ficará triste e com ciume, pensando que ella tem mais amor ao pae.

Deita-se em seu leito macio e aseado e, pela primeira vez, não consegue dormir logo : o amor filial exige que arranje o presente, e, além disso, sete vezes fizera annos e nunca deixara de recebê-lo de sua mãe.

Afinal, tem uma idéa : dar-lhe-á um annel. Tem muitas joias dadas pelos padrinhos. Entre ellas ha um annel maior que seus dedinhos, e pensa : — Que mal haverá em offerecê-lo á mamãe ? Os padrinhos não se zangarão e seu desejo será satisfeito.

Adormece, satisfeita.

Muito cedo desperta ; abre o cofre-zinho das joias ; tira a caixinha do annel, embrulha-a em papel fino, ata-a com uma fitinha e põe-na sob o travesseiro.

Corre a tomar os primeiros cuidados higienicos, isto é, lava-se, escova os dentes, põe uma roupinha simples, penteia-se e, retomando a caixinha, dirige-se ao quarto da mamãe a entregar-lh'a com muitos beijos.

A senhora ri da ingenua bondade da filha e agradece a lembrança fingindo acceitá-la.

Irene, alliviada de sua grande preoc-

cupação, sente-se contentissima e assim passa todo o dia.

Quem fez annos hontem ?

Que usamos nos dias de annos de parentes e amiguinhos ?

Por que não tinha Irene o mimo para a mãe ?

Que lhe deu, afinal ?

A quem devem as crianças o leito macio e aseado ?

Quas os cuidados da menina pela manhã ?

— De que riu a senhora ? Aceitou ella a joia ?

Como passou Irene o dia ?

Lida a historieta e feito o interrogatorio mais animado possível, será dado o exercicio escripto — composição.

O professor terá cuidado de orientar os alumnos de modo que suas pequeninas phrases, bem concatenadas, formem sempre um todo harmonico.

### 2º ANNO

#### CONTO — Tudo é util na natureza

A's margens de sereno regato havia muitos espinheiros cujos galhos pendiam sobre a agua fresca.

Os carneirinhos que iam saciar ahi a sêde, odiavam os espinheiros que julgavam inuteis e lhes arrancavam flócos de lã. Mas num dia de inverno, elles viram muitos passarinhos deixarem os ninhos onde os filhotes piavam com frio, e irem buscar nos espinhos a lã que lhes aqueceria os lares, para onde voltaram muito alegres e agradecidos.

Desde então os carneirinhos amaram tambem os espinheiros e roçam-se nelles em beneficio das avezitas.

Este conto offerece oportunidade a uteis lições de cousas e de moral.

Cópletar as phrases.

No... choveu fortemente. A... é util. Ella refresca e purifica o... ; humidece a... Os... gostam da... Quando..., não se levanta o... O... soffoca e é portador de... Deve-se sempre...-lo. As...

ficam bellissimas quando... Os fructos crescem... mas não... doces.

Como... que é demais prejudica, a... forte,... nociva. A... corre dos... como verdadeiros... e dá... parecendo... cachoeiras. Nos logares... ella... fica durante muitas... Assim... a... das pessoas e dos... A's vezes um homem... se offerece para... outros... ás costas.

Alguns... nadam, mas... devem... isso porque... arriscam... morrer, ou, ao menos, a...

Juntar a — chuva, agua, morro e homem, palavras exprimindo qualidades que lhes pertençam.

### 3º ANNO

#### Bilhete pedindo um livro ao pae

Tratamento—Sr.

Direcção—Vosso professor pediu á classe um livro de leitura. Chegando á casa, não encontrastes mais o papae, que sahira para o trabalho ; tendes, porém, um portador e quereis attender, com a maior brevidade possível, ao pedido do professor.

Escrevei, pois, um bilhete ao papae — explicando isso e dizendo o nome do livro e do autor.

Despedi-vos com affecto e gratidão.

Conjugar formando phrases, o verbo *comprar* no presente, passado e futuro.

### 3º ANNO

#### DICTADO—O PADRE NOSSO

Não se deve parar em meio da oração ; vamos, e dessa vez recommendo attenção. Continúa commigo o Padre Nosso, Lia, dize pausadamente :—O pão de cada dia... —O pão de cada dia... Então, eis-te outra vez parada e resmungando ; eu zango-me, bem vês.

Zangares-te, mamãe, tu que és tão boa e meiga ! Sabes por que parei ? ao pae do céu pedia que, visto ser tão secco o pão que repartia, Mandasse dóra em diante o nosso com manteiga.



Que fazia Lia? Quem ensinava Lia a rezar e como? Que recommendação fazia a mamãe a Lia? E a menina obedecia? Que lhe disse a mamãe? E Lia acreditou? Por que duvidou? Como explicou ter novamente interrompido?

## 4º ANNO

## CARTA—TRATAMENTO NA 2ª PESSOA DO PLURAL

DIRECÇÃO—Carlos (filho unico, 11 annos escreve a seu tio, residente no interior, pedindo-lhe mande para sua casa o priminho Aloysio (de sua idade) que o acompanhará á escola, onde lhe parece que frequentarão a mesma classe, auxiliando-se mutuamente: tornar-lhe-á mais alegre as horas de repouso, sendo-lhe companheiro nos brincos e passeios, em fim será seu irmãozinho.

Lembra-lhe que os paes de Aloysio sentirão sua ausencia, apesar de terem outros filhos tambem carinhosos e interessantes; terão muita saudade, mas consolar-se-ão sabendo que o filho em nada se prejudicará, e o sobrinho terá estímulo para o trabalho, maior prazer nos folguedos e que esse prazer se reflectirá nos paes, jubilosos ao consentirem em tal pedido.

Por essas razões espera não lhe ser negada a companhia do priminho que muito estima.

Despede-se carinhosamente.

## 4º ANNO

## Conto

## Trabalho desfeito

Em vasta e florida campina cortada pelo rio Paquequer, erguia-se a casa de certo casal de camponios. A brancura das paredes daquella habitação realçava entre o verde profundo e sadio das copas das grandes arvores seculares que o rodeavam.

Nessa casa de campo, cheia de encanto, viviam felizes a linda Noemita e seus adorados papás. Noemita não era dessas crianças vulgares; era o typo da menina sertaneja de tez trigueira, tostada pelo sol, olhos negros e profundos, bocca pequena, e trazia nas faces o rubor que só é dado aos que vivem no campo, em contacto com a natureza. Apesar de seus nove annos, era menina activa, trabalhadora e amante da natureza. Como se sentia feliz a contemplá-la!

Quantas e quantas vezes sentara-se á varanda orlada de lindas madresilvas que se entrelaçavam em curvas graciosas, a admirar o céu, o rio que abeberava campina, a floresta.

Ha algum tempo o papá de Noemita partira para o Rio e a encantadora pequenita quiz fazer-lhe uma surpresa.

Bem distante de casa, além de uma das muitas voltas do Paquequer, ella fez uma plantação de morangos para offerecer ao papae quando chegasse. Sabia quanto elle apreciava essas frutas. Com suas mãozinhas assetinadas, ella preparou a terra e lançou a semente.

Que prazer! descobrira o primeiro broto. Graças a seus cuidados foi crescendo e lastrando.

E Noemita, que nem á mamãe revelara esse segredo, estava sempre attenta, tirando as hervas que alli cresciam, destruindo os insectos que pudessem danificar.

Com que alvoroçada alegria viu a pequenita o primeiro fruto, e muitos outros depois! Que felicidade! o papá estava para voltar e ella teria os frutos para offerecer-lhe.

Passaram-se dias.

Uma carta annunciou a chegada do camponiu no proximo domingo, que despertou brilhante, verdadeiro dia de estio.

A's primeiras horas da manhã lá estava o feliz camponês abraçado á mulher e á filha que eram todo seu encanto. Sorrateiramente, Noemita soltara-se dos braços do pae e, a correr por entre as flores compestres, celere como inconstante borboleta, fôra colher os frutos que cultivara para o papá.

Mas... oh! decepção, magoa profunda! fôra-se por terra toda a felicidade. No afan de colher os frutos, pisara, esmagando, sem mesmo sentir o aroma, os frescos morangos que ensanguentaram a relva.

Desfeita em lagrimas, voltou Noemita para casa.

Afflictos, seus paes indagaram a causa d'aquelle pranto convulso e ella, com voz entrecortada pelos soluços, narrou toda a historia dos morangos. O camponês, enternecido, beijou muito a filha, seu enlevo, agradecendo como si tivesse saboreado, os frutos, por certo os mais gostosos que se poderiam colher.

NOEMIA ELOYA E INAH MARTINI.

## 5º. anno

## COMPOSIÇÃO

## A nossa sala de jantar

Cada alumno procurará descrever a sua sala de jantar.

Não é a sala luxuosa a que offerece maior encanto, porém a que tem mais ar, mais luz, mais limpeza e é, principalmente, mais carinhosamente cuidada.

Os vasos toscos, com plantas viçosas, supprem, ás vezes com vantagem, os jarrões trabalhados; os moveis simples e escrupulosamente limpos não offerecem menos alegria que o mobiliario de estilo; as toalhas grosseiras, porém alvas, predispõem-nos tanto ao appetite quanto o linho fino e adamascado; e o brilho de limpeza dos talheres não nos deixa lamentar a inferioridade dos mesmos.

O alumno não terá, pois, a preocupação de descrever uma sala de luxo, mas procurará falar simplesmente na sua sala de jantar, que, por ser sua, ha de parecer-lhe agradavel e attrahente.

Mostrará, além disso, que esse compartimento da casa é o ponto de reunião da familia, que nelle em geral permanece nas primeiras horas da noite, após as canseiras do dia. E é em torno da mesma mesa acolhedora, que lhes facilita as refeições, que se reúnem os estudantezinhos para prepararem as lições, põem em ordem os cadernos e exercicios e receberem dos paes a ajuda ou o conselho quanto ás obrigações do dia immediato.

*Summario:* Situação, comunicação com outros aposentos e acesso para o exterior da casa; numero de portas e janellas, como recebe a luz e o ar e qual a hora em que se torna mais agradavel; moveis e adornos que a guarnecem; a ordem que nelle reina e o seu aspecto alegre ou o que lhe falta para isso; o que possui de conforto; e finalmente a sua utilidade como lugar das refeições e tambem de trabalho ou de reunião da familia.

## 6º. anno

## EXERCICIO DE REDACÇÃO

## Uma menina estouvada

Com os seus dez annos de idade, Alzira é uma boa menina: ama seus paes, gosta de estudar e é affavel com as companheiras.

Tem entretanto um grave defeito, de que se não tem emendado, apesar das observações e conselhos de sua excellente mamãe: é muito estouvada.

Assim, não são poucas as vezes em que ella dá prejuizo á casa, ora quebrando louça, ora entornando caldo ou inutilizando tecidos finos, com os seus gestos subitos ou movimentos irreflectidos que, se são desculpaveis em crianças pequeninas, não se podem admittir ou tolerar em meninas mais crescidas, que têm obrigação de conservar os objectos adquiridos a custa do trabalho de seus paes.

Alzira não avalia o desgosto que causa á sua bondosa mãe. Esta soffre ao ver a filha crescer, desenvolver-se e adiantar-se em instrucção, sem, entretanto, procurar corrigir-se de um defeito de que facilmente se libertaria, desde que para isso empregasse um pouco de esforço e boa vontade.

E' que se lhe afiguravam impertinentes e excessivamente rigorosas, as palavras sensatas de sua progenitora, que eram inspiradas apenas no interesse pela menina e no amor com que a digna senhora a queria boa, estimada e feliz.

Certo dia recebeu Alzira um rico presente de uma carinhosa tia — um lindo vestido de filó azul — que poz em sobresalto de contentamento o coraçãozinho da menina. No dia seguinte assistiria a uma festinha infantil em casa de familia amiga, e pensava já em substituir o vestido branco simples com que iria, pelo que acabava de receber. Entretanto a mãe ponderou que este seria certamente prejudicado, podendo estragar-se em meio dos folguedos com as outras crianças, quando a dona, álaçre e travessa, se



esquecesse de zelar-lhe a conservação para só attender ás alegrias dos jogos e distracções.

A' vista, porém, do desapontamento da menina, impedida de fazer uso do vestido novo, e da emphase com que ella affirmava que não o estragara, a benevolente mamãe accedeu a que ella fosse com aquelle delicado vestido.

Antes não o tivesse feito, porém! Mal começou a festa, a estouvada Alzira, esquecida de que não é só correndo que pôde divertir-se uma menina, entregou-se ao jogo de esconder, com a mesma liberdade com que o faria em casa.

O resultado não se fez esperar. Quando, num movimento decisivo, procurava livrar-se da companhia que a perseguia, esta, já muito proxima, logrou segural-a pelo vestido que, fino e fragil, não resistiu a tamanha prova, rasgando-se de alto a baixo.

A dona da casa acudiu pressurosa e procurou do melhor modo corrigir o desastre. Este, porém, não era de natureza a ser eliminado; o lindo vestido de filó azul estava irremediavelmente perdido, tão grande tinha sido o estrago no tecido e nas rendas.

Voltou Alzira para casa, vexada e triste.

Que diria sua mamãe?

Como explicaria o accidente?

Reconhecia que não era possível escusar-se da culpa.

Os alumnos terminarão este conto segundo o juizo de cada um. Dirão se a menina foi castigada e como o foi, ou se a sua progenitora achou de bom aviso nada acrescentar ao soffrimento da criança, já bastante impressionada e abatida. Caberá a cada discipulo, dentro do seu julgamento e de accordo com os proprios sentimentos, finalizar essa narração simples, de um facto facil de conceber-se e commum na vida das crianças.

Convem que a professora esclareça

a classe quanto á falta e á situação da culpada, para despertar e dirigir o julgamento dos educandos, sabido como é que a criança se deixa dominar muito mais pela imaginação que pela razão.

Dirigir esta e acclaral-a é um dever da educadora, que appellará para o bom senso dos alumnos, na compreensão das consequencias que os proprios actos acarretam. Essas consequencias soem ser evitadas pelo proprio individuo, na direcção da sua existencia, agindo sempre segundo a prudencia e a justiça.

Na propria liberdade humana está a sua responsabilidade, de que ninguem se pôde furtar e de que se deve compenetrar a criança.

Nessa compenetração está a maior segurança para o julgamento e a melhor garantia para a direcção da existencia.

## 7º anno

### EXERCICIO DE COMPOSIÇÃO

#### Como passei o domingo

A professora fará oralmente um modelo de composição sob esse thema. Mostrará depois como o mesmo poderá ser alterado, segundo a vontade de cada um; ensaiará mesmo outro modelo, feito oralmente pelos alumnos, de sorte que lhes patenteie a facilidade de dizerem, simplesmente e com correcção o modo por que passavam o domingo.

Sem preocupação literaria, que não pôde haver no ensino primario, a professora terá apenas o escopo de ensinar a escrever com acerto, e em linguagem simples, o que fôr dictado pela sinceridade, que é a melhor fonte de inspiração, com a vantagem de impedir a situação embaraçosa e commum entre os estudantes de não terem o que dizer.

MARIA AMELIA DALTRO SANTOS

## ENSINO SCIENTIFICO

### Arithmetica

4º ANNO

(Continuação)

Vimos em nossa ultima lição como determinar o maximo commum divisor a dous numeros pelo processo das divisões successivas e como determiná-lo a dous ou mais pela decomposição dos numeros dados nos respectivos factores primos. Tinhamos chegado á conclusão de que — o maximo commum divisor a dous ou mais numeros contem todos os demais divisores communs aos mesmos numeros, o que foi demonstrado pelo desdobramento dos numeros dados em parcellas iguaes, de todas as maneiras possiveis.

Poderemos hoje, baseados nos conhecimentos já adquiridos afirmar que — na indagação do maximo commum divisor a tres ou mais numeros, dous d'entre taes numeros podem sempre ser substituidos pelo seu maximo commum divisor.

Effectivamente, para o caso, só vos interessam os *factores communs aos numeros dados, porque só estes entram na formação do maximo commum divisor procurado*; os divisores do 1º e do 2º numeros dados, por exemplo, que não fôrem communs a esses numeros, *embora o sejam aos demais*, já não podem entrar na formação do maximo commum divisor procurado, porque já não serão communs a *todos* os numeros dados; os que lhes forem communs serão, pois, d'entre os seus varios divisores, os unicos a entrar num cotejo final com os divisores dos outros numeros dados para se chegar a constituir ou formar o maximo commum divisor procurado; e se de taes numeros só os factores communs nos interessam, e se estes factores por sua vez constituem, como sabemos, o maximo commum divisor a esses numeros, é evidente que poderemos substitui-los por esse maximo commum divisor.

Assim, sempre que tivermos de determinar o maximo commum divisor a

tres numeros, por exemplo, poderemos determinar o maximo commum divisor a dous desses numeros e depois determinaremos o maximo commum divisor ao numero achado e ao terceiro numero dado.

Tratando-se de quatro numeros, poderemos: 1º: determinar o maximo commum divisores a dous d'esses numeros, 2º: determinar o maximo commum divisor aos outros dous numeros dados; 3º: determinar o maximo commum divisor aos dous numeros achados.

Tambem seria possível determinar: 1º: o maximo commum divisor a dous dos numeros dados; 2º: o maximo commum divisor entre o numero achado e o terceiro numero dado; 3º: o maximo commum divisor entre o segundo numero achado e o quarto numero dado.

Torna-se excusado insistir; basta fazer comprehender que—na indagação do maximo commum divisor a muitos numeros, dous quaesquer pôdem ser sempre substituidos pelo respectivo maximo commum divisor.

Sejam, por exemplo, os numeros:

140, 175 e 315

cujo maximo commum divisor se quer determinar.

Procuremos em primeiro lugar o maximo commum divisor aos numeros:

140 e 175

Applicando a regra conhecida teremos:

$$\begin{array}{r|l} 1 & 4 \\ \hline 175 & 140 & 35 \\ 35 & 00 & \end{array}$$

Substituindo os numeros 140 e 175 pelo seu maximo commum divisor que é 35 diremos:

Determinar o maximo commum divisor aos numeros 140, 175 e 315, é o



mesmo que determinar o maximo commum divisor aos numeros 35 e 315.

Applicando a estes dous numeros a regra conhecida teremos :

	9
315	35
0	

e verificaremos que o maximo commum divisor aos tres numeros dados é 35.

Sejam ainda os numeros

168, 240, 564 e 2490

cujo maximo commum divisor se quer determinar.

Procurando em primeiro logar o maximo commum divisor aos numeros 168 e 240, teremos :

	1	2	3
240	168	72	24
72	24	0	

Procurando agora o maximo commum divisor aos numeros 564 e 2490, teremos :

	4	2	2	2	3	2
2490	564	234	96	42	12	6
234	96	42	12	6	0	

Substituindo finalmente os numeros 168 e 240 pelo respectivo maximo commum divisor; procedendo semelhantemente com os numeros 564 e 2490, resta-nos apenas determinar o maximo commum divisor aos numeros

24 e 6

Concluiremos que 6 (maximo commum divisor aos numeros 24 e 6) é tambem o maximo commum divisor aos numeros

168, 240, 564 e 2490

Poderiamos tambem determinar o maximo commum divisor aos numeros 168 e 240, e teriamos :

	1	2	3
240	168	72	24
72	24	0	

Passariamos a determinar o maximo commum divisor aos numeros

24 e 564

e teriamos

	23	2
564	24	12
84	0	
	12	

Por ultimo, determinaríamos o maximo commum divisor aos numeros

12 e 2490

e teriamos :

	207	2
2490	12	6
090	0	
	6	

O maximo commum divisor aos numeros 2490 e 12, que é o numero 6, é tambem o maximo commum divisor aos numeros dados

168, 240, 564 e 2490

Numerosos exercicios e problemas servirão a firmar idéas e a dar á pratica a segurança e a rapidez exigidas nos calculos.

Assim como o conhecimento dos divisores communs a dous ou mais numeros e especialmente do seu maximo commum divisor traz vantagens ao calculo, o conhecimento dos multiplos communs e especialmente do menor multiplo commum a dous ou mais numeros offerece resolução a varias questões relativas a esses numeros, permittindo transformar em outros os numeros propostos ou surgidos num calculo qualquer, sem que haja alteração no valor dos resultados a obter.

Compreende-se bem que a prefe-

rencia dada ao maior dos divisores communs provem da circumstancia de se chegar logo ao menor dos quocientes e portanto a um quociente numero primo, a um quociente que se não pôde mais desdobrar, quando o divisor é o maior possivel; por outro lado, a preferencia dada ao menor dos multiplos communs provem de entrar por esse modo nos calculos um elemento minimo, o menor possivel, o que permittê não só maior facilidade e rapidez na realisação das operações como até ás vezes o effectuarem-se os calculos mentalmente.

Tratemos pois da determinação do menor multiplo commum a dous ou mais numeros.

Já sabemos que — um numero é multiplo de outro quando se pôde desdobrar em parcellas iguaes a esse outro; logo, quando pode resultar da multiplicação d'esse outro por um numero inteiro qualquer; quando tem nesse outro um dos seus factores; quando se pôde dividir exactamente por esse outro, isto é, quando de tal divisão não ha resto ou, o que é o mesmo, ha um quociente numero inteiro. Sabemos tambem que — multiplo commum a dous ou mais numeros é o numero que se pôde desdobrar indifferentemente em parcellas iguaes a qualquer d'esses outros; é o que resulta da multiplicação de qualquer d'esses outros por um numero inteiro; é o que se pôde dividir exactamente por qualquer d'esses outros, isto é, sem que de tal divisão haja resto, ou, o que é o mesmo, dando para resultado um quociente numero inteiro. Ao menor dos numeros que se achem nas condições apontadas dá-se o nome de — menor ou minimo multiplo commum aos numeros dados.

Fácilmente se conclúe da simples definição de—menor multiplo commum a dous ou mais numeros que—dados varios numeros inteiros, se o maior fôr divisivel por todos os outros será esse o menor multiplo commum.

Qualquer alumno que tenha acompanhado as lições anteriores sabe que — qualquer numero inteiro é o menor dos seus proprios multiplos, visto como é producto de si mesmo pelo menor dos numeros inteiros = a unidade; se tal numero, portanto, fôr divisivel pelos outros numeros dados, se os tiver como facto-

res, não haverá nenhum menor do que elle que seja multiplo de todos, pois sendo menor do que um dos numeros dados não poderia ser seu multiplo não o poderia ter como factor.

Conclúe-se do exposto que—dados varios numeros para se lhes determinar o menor multiplo commum, convem verificar se o maior é o multiplo de todos os outros, se os tem como factores ou divisores, pois que, neste caso, será esse numero maior o minimo multiplo commum procurado.

Esta circumstancia, é claro, nem sempre se verifica; de modo que ha necessidade—de se conhecer um processo geral para determinação do menor multiplo commum.

Esse processo é facilmente estabelecido desde que se firme este principio :

—Para um numero ser multiplo de outro é necessario e bastante que contenha todos os factores primos d'esse outro e com expoente nunca inferior ao que nesse outro apresentam.

De facto, se um numero é multiplo de outro quando contem esse outro algumas vezes exactamente, ou quando se desdobra em parcellas iguaes a esse outro, basta lembrar que — podendo sempre cada uma das parcellas ser substituida pelos factores que a formam, o multiplo conterá algumas vezes exactamente os mencionados factores—para se verificar a occasião do principio.

Seja por exemplo o numero 105 que é multiplo de 15.

Podemos affirmar que elle contem os factores de 15 (3 e 5) algumas vezes exactamente.

De facto.

$$105 = 15 + 15 + 15 + 15 + 15 + 15 + 15$$

Se substituirmos 15 pelo seu valor,  $3 \times 5$  teremos :

$$105 = (3 \times 5) + (3 \times 5) + (3 \times 5) + (3 \times 5) + (3 \times 5) + (3 \times 5) + (3 \times 5)$$

ou

$$105 = 3 \times 5 \times 7$$

De facto.

$$550 = 110 + 110 + 110 + 110 + 110$$

Se substituirmos 110 pelo seu valor  $2 \times 5 \times 11$  teremos :



$$550 = (2 \times 5 \times 11) + (2 \times 5 \times 11) + (2 \times 5 \times 11) + (2 \times 5 \times 11) + (2 \times 5 \times 11)$$

ou

$$550 = 2 \times 5 \times 11 \times 5$$

e como a ordem dos factores não altera o valor do producto, teremos :

$$550 = 2 \times 5^2 \times 5 \times 11$$

ou

$$550 = 2 \times 5^3 \times 11$$

Por outro lado, desde que um numero contenha todos os factores primos de outro numero, affectados esses factores de expoentes iguaes ou superiores aos que nesse outro apresentam, é forçosamente multiplo d'esse outro.

Assim, se o numero 1350 contem 15 vezes os factores primos  $2 \times 3^2 \times 5$  que formam o numero 90 é que 1350 é multiplo de 90.

Effectivamente.

$$1350 = (2 \times 3^2 \times 5) \times 15$$

ou

$$1350 = 2 \times 3^2 \times 5 \times 15$$

Substituindo 15 pelo seu valor  $3 \times 5$  ou, o que é o mesmo, applicando o principio já conhecido—multiplicar um numero por outro e multiplicar-o successivamente pelos factores d'esse outro, teremos :

$$1350 = 2 \times 3^2 \times 5 \times 3 \times 5$$

e como a ordem dos factores não altera o valor do producto.

$$1350 = 2 \times 3^2 \times 3 \times 5 \times 5$$

ou

$$1350 = 2 \times 3^3 \times 5^2$$

Se retomarmos a igualdade

$$1350 = 2 \times 3^2 \times 5 \times 15$$

e effectuarmos o producto

$$2 \times 3^2 \times 5$$

teremos :

$$1350 = 90 \times 15$$

e se o numero 1350 póde desdobrar-se em 15 parcellas iguaes a 90, se elle póde

resultar do producto de 90 por um numero inteiro, se 90 é pois um dos seus factores, é que 1350 é multiplo de 90.

Neste exemplo ficam evidentes os dous principios estabelecidos, dos quaes ha de resultar o processo para determinação do minimo multiplo commum.

(Continua)

OLYMPIA DO COUTTO



## Sciencias physicas e naturaes

7º ANNO

### O encephalo e a medulla espinhal

Vocês já tiveram uma noção exacta das funcções que concorrem para a nutrição do homem. Resta, agora, estudarem aquellas que o põem em relação com o meio ambiente, isto é, as funcções de relação.

Mas, quaes são os orgãos que nos relacionam com o mundo exterior? Sim, o orgão da voz, os dos sentidos e os da locomoção preenchem essas funcções, são orgãos de relação. Não fôra a palavra e estaria o homem impossibilitado de entender e fazer-se entender por aquelles que o rodeiam; não fôra a visão, ficaria elle envolvido em trevas cerradas, não poderia contemplar os esplendidos panoramas que o cercam, não teria noção de côr, forma, posição... não fôra a audição, não perceberia a voz dos seus semelhantes e fallaria em vão, porque, por elles tambem não seria ouvido; não poderia deleitar-se com os encantos que a musica lhe proporciona, com o mavioso gorgueio dos passaros, com o suave marulhar das aguas...; não fôra o olfacto, não poderia aspirar o doce perfume das flores, não teria noção de cheiro; não fôra o paladar, mesmo as mais delicadas iguarias lhe passariam desapercibidas, por insipidas; não fôra o tacto, não poderia avaliar a temperatura, a rijeza, o peso dos corpos; não fôra o aparelho locomotor, não conseguiria deslocar-se de um para outro ponto, teria que permanecer immovel.

Vejam os entretanto, si esses orgãos

funcionam livremente, si não se acham sob a dependencia de qualquer outro.

Disseram com accerto: a palavra é o mais precioso meio de que dispõe o homem, para communicar-se com seus semelhantes.

Sim, é por meio della que exprime as suas impressões, as suas ideias. Mas, não é a idéia um producto da intelligencia? E onde reside esta, não é no cerebro?

Estamos vendo, pois, que a palavra bem se acha sob a dependencia de um outro orgão, além do larynge — o cerebro.

Os orgãos dos sentidos tambem não funcionam livremente, tambem estão dependentes do cerebro.

Com effeito, os aparelhos sensoriaes nada mais fazem que recolher as impressões causadas pelos corpos. Para que estas possam ser percebidas, isto é, para que se possam transformar em sensações, têm que ser transmittidas ao cerebro. E, affim de que nos possamos convencer dessa verdade, é bastante pensarmos nos erros em que seriamos constantemente induzidos pelos orgãos dos sentidos si não dispuzessemos da poderosa faculdade de raciocinar.

Consideremos, agora, os orgãos da locomoção.

Serão os seus movimentos executados a esmo, e de um modo inconsciente como os dos aparelhos digestivo, respiratorio e circulatorio? Absolutamente, não.

Todos vocês sabem, por experiencia propria, que os movimentos são effectuados nas occasiões precisas e de modo graduado, isto é, são dependentes da vontade humana.

Mas, onde é que se manifesta a vontade? Não é no cerebro? Não é delle que emanam as excitações determinantes dos movimentos voluntarios? Certamente que sim.

Entretanto, como chegam aos orgãos do movimento, as excitações da vontade?

Deve, forçosamente, existir entre o cerebro e esses orgãos alguma cousa que sirva de intermediario, não acham vocês? E, com effeito, existe.

Essas duas especies de orgãos, cerebro e musculos (orgãos activos do movimento) se acham em comunicação,

graças a uns cordões esbranquiçados e molles, denominados nervos.

Pelo que acabamos de constatar, concluímos que o homem possui, em seu organismo, um centro para o qual convergem todas as impressões vindas do exterior, e de onde partem todos os movimentos, bem como os actos da vontade e da intelligencia.

Esse centro, que se acha em comunicação com todos os pontos do corpo, graças aos nervos, é chamado *centro* ou, ainda *systema nervoso*.

Ora, ha pouco tiveram vocês noticia de que as impressões são todas apreciadas no cerebro e que, desse mesmo orgão, emanam as excitações do movimento, os actos da vontade e da intelligencia. Assim sendo, poderão julgar, talvez, que sob o nome de centro nervoso estejam subentendidos, tão sómente, «cerebro» e «nervos». Não, esse centro é muito mais complexo; basta dizer que é elle a parte mais complicada de todo o organismo humano.

Vejam os como é constituido e de que outros orgãos se compõe.

Forma-o uma substancia molle, muito impressionavel, chamada materia nervosa, e pode ser dividido em duas porções distinctas — uma, alojada na cavidade do craneo e outra, no canal rachidiano.

Mas, onde fica o canal rachidiano?

Ao estudarem o esqueleto, tiveram vocês occasião de verificar que na parte posterior do tronco existe uma columna ossea, a columna vertebral, constituida por trinta e tres vertebrae, empilhadas umas sobre as outras. Viram, ainda, que, cada uma das vertebrae, apresenta no centro, um orificio circular. E' da superposição desses ossos que resulta o canal rachidiano.

Bem, á massa nervosa que enche esse conducto, dá-se o nome de *medulla* e á que se acha na caixa craneana, *encephalo*. E' este, sem duvida, a porção mais notavel de todo o systema nervoso. Procuremos pois, conhecê-lo.

Eis aqui um, muito bem representado (mostre a estampa).

Como estão vendo, esse centro apresenta varias partes distinctas, sendo principaes as que lhes vou indicar — *cerebro*, *cerebello*, *protuberancia annular* e *bulbo*.



Qual dellas possui maior volume? O cerebro, evidentemente; basta dizer que elle occupa toda a parte anterior e superior da caixa craneana.

Observem, attentamente a gravura. Não de notar que uma profunda scissura divide esse orgão em duas partes symetricas (hemispherios cerebraes)

Já lhes disse que o cerebro é constituido de massa nervosa; reparem, agora, na côr que apresenta. E', como estão observando, cinzenta na periphèria; entretanto, no interior já não é assim, ahi é completamente branca.

Bem, os hemispherios cerebraes são o centro das percepções, dos movimentos voluntarios, dos instinctos e das faculdades intellectuaes.

Vejam, na parte posterior e abaixo do cerebro, fica o cerebello. Apesar de muito menor, assemelha-se áquelle não só na fórma como na estructura. Tem por funcção presidir aos movimentos, determinando a sua direcção. Qualquer animal privado desse centro nervoso, fica impossibilitado de orientar-se, si voar ou marchar, será ao acaso, sem rumo determinado.

Est'outro orgão (indique), que se acha abaixo do cerebello, é o *bulbo rachidiano*. Elle se acha, como estão percebendo, em communição com a medulla espinhal, razão por que é, ainda, conhecido sob o nome de *medulla alongada*.

Seu papel é importantissimo: preside á respiração e, tambem, á innervação do coração. Um ferimento directo sobre o bulbo, produz morte instantanea.

Olhem esse orgãosinho alojado abaixo do cerebro, para diante do cerebello e para cima do bulbo—é a *prótuberancia annular* ou, ainda, a *ponte de Varole*. Este orgão é a séde da percepção da sensibilidade geral.

Já tratamos de encephalo, passe-

mos agora a dizer alguma cousa sobre a medulla espinhal.

Esse centro nervoso, conforme já lhes communiquei, fica no conducto da columna vertebral. Tambem, como o cerebro, é elle constituido de uma substancia cinzenta e de outra branca, occupando porém, esta a parte exterior.

Assim como do cerebro partem nervos (os craneanos), em numero de doze pares, da medulla espinhal tambem partem, em numero muito maior (31 pares), os chamados nervos rachidianos.

Estes nervos são, ao mesmo tempo, sensitivos e motores. Dahi a dupla funcção que exerce a medulla: ella conduz ao cerebro as impressões recolhidas pelos nervos e communica aos musculos as excitações da vontade. Isso pôde ser provado por meio de uma experiencia bem simples — todo o nervo rachidiano apresenta duas raizes; si cortarmos uma dellas, o membro em que se distribue o nervo em questão, fica insensivel, continuando, entretanto, a mover-se; si cortarmos a outra raiz, dar-se-á o contrario, desaparecerá, no membro correspondente, a mobilidade, mas não a faculdade de sentir; finalmente, si cortarmos ambas, a paralyisia será completa.

Devo dizer-lhes, ainda, que a medulla espinhal é tambem o centro dos actos reflexos.

Mas, que vem a ser um acto reflexo? Entende-se por acto reflexo, todo aquelle que se executa inconscientemente.

Assim, por exemplo, que se passa quando approximamos o dedo a um ferro quente? A mão foge bruscamente, não é exacto? Ora, esse acto é praticado sem a intervenção da intelligencia, irreflectidamente, pois a excitação não vae ter ao cerebro, não passa da medulla — é, simplesmente, um acto reflexo.

O encephalo e a medulla, conjunctamente, formam o eixo cerebro-espinhal.

E. BLUME.

## O início e a finalidade de uma obra educativa

Ouvimos dizer algo de interessante sobre a organização pedagogica adoptada pelo Departamento Feminino do Instituto La-Fayette. Em se tratando de um educandario para a formação intellectual e moral do sexo feminino e entregue a professores conhecidos, era de se esperar apenas fosse elle um collegio modelo, com instalações artisticas e luxuosas, e nada mais. Qual não foi, pois, a nossa surpresa ante o que vimos e o que notámos?!

Trata-se de uma obra ainda não revelada inteiramente ao publico. O Departamento Feminino do Instituto La-Fayette é um vasto programma pedagogico e social; é uma obra d'arte notavel, é uma bandeira de commando.

Foi esta a nossa opinião formada hontem por occasião da visita que resolvemos fazer áquella casa de ensino, motivada pelos annuncios dos jornaes sobre a reabertura do anno lectivo.

Aproveitamos a belleza do dia para aquelle passeio ao lindo bairro da Tijuca, pois as chuvas torrencias, dos dias anteriores obrigaram-nos a um retiro forçado.

E' instalado o Departamento Feminino do Instituto La-Fayette no palacete da rua Conde de Bomfim, onde outr'ora teve séde o Club da Tijuca. O predio todo fórma um conjunto de arte e de bom gosto; amplas salas de soalho encerado, paredes pintadas a oleo, tectos altos e brancos para as aulas e salões vastos, tambem encerados, amplamente arejados, para dormitórios.

E a directora, Mme. La-Fayette Côrtes, nos poz ao par de tudo.

Em poucas palavras resumiu o programma do Departamento Feminino. Numa grande área mostrou-nos ella, já demarcado, o espaço para a construcção de um grande pavilhão para as aulas de musica, desenho e aulas do jardim da infancia. E' um edificio em fórma de um prisma hexagonal, dividido por um largo vestibulo em quatro grandes salas. Ao centro desse vestibulo destaca-se um tanque em fórma de dois circulos tangentes, de tres metros de diametro cada um, nos quaes vão ser moldados a cimento apropriado e na devida escala um bello planispherio. Montanhas, planaltos e planicies terão as suas alturas feitas tambem nas respectivas escalas. Conductores d'agua apropriados figurarão as nascentes dos rios, as quedas de agua, etc. Nesse engenhoso trabalho de arte aprenderão as crianças a historia das descobertas, ellas mesmas, conduzindo pelos cordeis pequenas cavallias de madeira sobre as aguas do tanque, figurando as aguas do oceano.

Ahi, tambem será feito o estudo da geographia physica de todos os curso do Departamento Feminino.

E, assim, objectivamente, todas as materias dum curso primario admiravelmente orientado serão dadas, de modo a ensinar á infancia, sem as torturas das decorações estafantes. Partindo do jardim da infancia e passando por tres classes primarias, chega a menina ao curso denominado complementar, de um anno apenas e que é uma recapitulação desenvolvida do curso primario.

Terminado, nesse curso complementar, o curso primario, apresenta o Departamento Feminino dois caminhos a seguir: o curso commercial e o curso geral superior. Este, mais intellectual, mais theorico, mais esthetico; aquelle, mais pratico, mais simples, mais proprio para a sua utilização immediata.

O curso commercial consta de quatro séries. Terminada a terceira serie, pôde a alumna receber o seu diploma de guarda-livros e a que completar a quarta serie receberá o diploma do curso superior do commercio.

O curso geral superior é feito em cinco annos e consta cada anno de tres partes muito importantes: a parte artistica, a parte philologica e a parte scientifica. Na parte artistica cultiva-se methodicamente, a musica, o desenho, a gravura e a esculptura, desde os elementos no 1. anno até á concepção e execução, no 5. anno. Na parte philologica estudam-se o portuguez, o o latim, o francez e o inglez, por methodo directo, sendo na leitura e na interpretação dada a grammatica através do proprio idioma.

Culmina o estudo das linguas, tanto theorica como praticamente, no estudo geral da litteratura comparada.

A parte scientifica do curso geral superior é dada em ordem de complicação crescente. Consta elle do estudo da arithmetica no 1. anno, da algebra, no 2. anno, da geometria e trigonometria no 3. anno, da astronomia, physica e chimica no 4. anno e da historia natural e historia phylologica, no 5. anno.

Como se vê, a parte artistica, a parte phylologica e a parte scientifica do curso geral superior preparam as estudantes para qualquer meio, collocando-as em optimas condições intellectuaes, mesmo para vencer galhardamente na vida utilitaria, caso isso seja necessario.

Terminadas essas explicações, intelligentemente dadas pela illustre directora, Mme. La-Fayette Côrtes, fomos para o portão do bello palacete da rua Conde de Bomfim, onde funciona o Departamento Feminino do Instituto La-Fayette, convencidos da grandeza da obra pedagogica que ali se realiza.

«Não se trata só, pois, aqui, de instruir, mas, sobretudo, de educar e desenvolver o sentimento de nossas alumnas, por meio das aulas de educação moral e civica e das commemorações solemnes aos grandes vultos da humanidade»—foram as ultimas palavras de Mme. Côrtes, quando ainda no portão fizemos-lhe as ultimas despedidas.

Fóra, o sol radioso abrazava o dia quente de verão e, assim mesmo, chegavam automoveis conduzindo pessoas que eram recebidas pela secretaria dessa casa de ensino. Era grande o movimento de pedidos de informações e as auxiliares effectuavam matriculas de alumnas novas.

E a obra, fructo de um salutar apostolado, cresce sempre, mostrando a todos que no Brasil tambem se crea, tambem se constróe. O Departamento Feminino do Instituto La-Fayette é o despertar de um novo sol nos horizontes da pedagogia brasileira, e, como dissémos no início dessa apreciação, é tambem uma obra de arte notavel, um programma novo, uma bandeira de commando.

Ficamos convencidos mais ainda de que, se o problema pedagogico não se acha inteiramente resolvido, elle está, com certeza, muito proximo e em via de sua solução definitiva.

E' nessa senda victoriosa que caminha o Departamento Feminino dessa formidavel organização pedagogica:—o Instituto La-Fayette.

(Transcripto d' "O Paiz")

Os preços marcados nas perfumarias expostas na

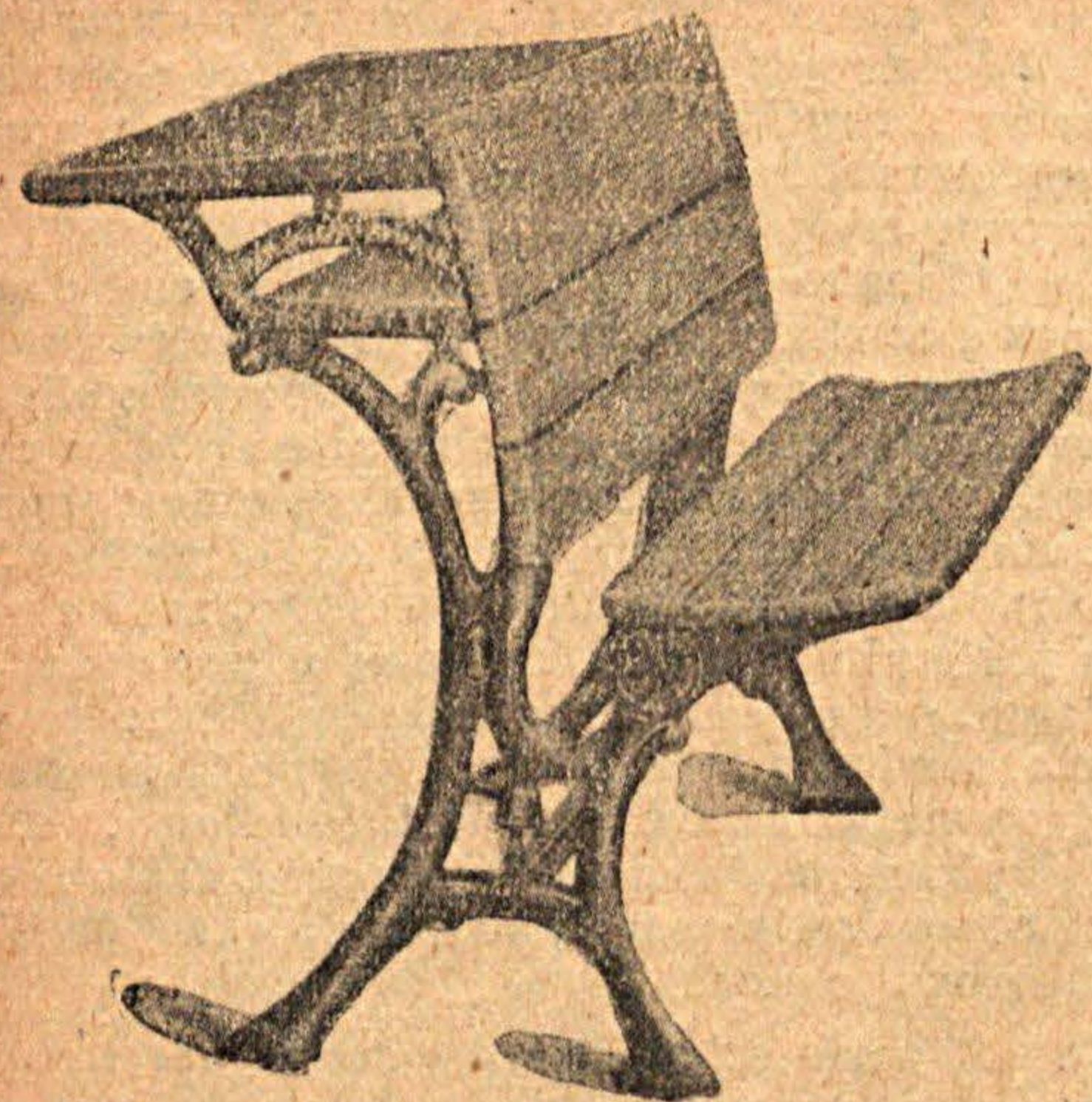
«PERFUMARIA Á GARRAFA GRANDE»

não admittem confronto

66, Rua Uruguayana, 66 — RIO



# Carteira Escolar Modelo "Ypiranga"



Comprehendem 5 vantagens:

**Durabilidade—Protecção—  
Apparencia—Elegancia—  
Economia**

PEÇAM CATALOGO ILLUSTRADO

FABRICANTES:

**José Refinetti & Comp.**

**Av. Rangel Pestana, 128 == S. PAULO**

Calxa Postal n. 486

## SAPONACEO



ASSEIO DAS  
COZINHAS



**O UNICO CHOCOLATE**

fóra — concurso na Exposição Internacio-  
nal do Rio de Janeiro, em 1922

## CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120

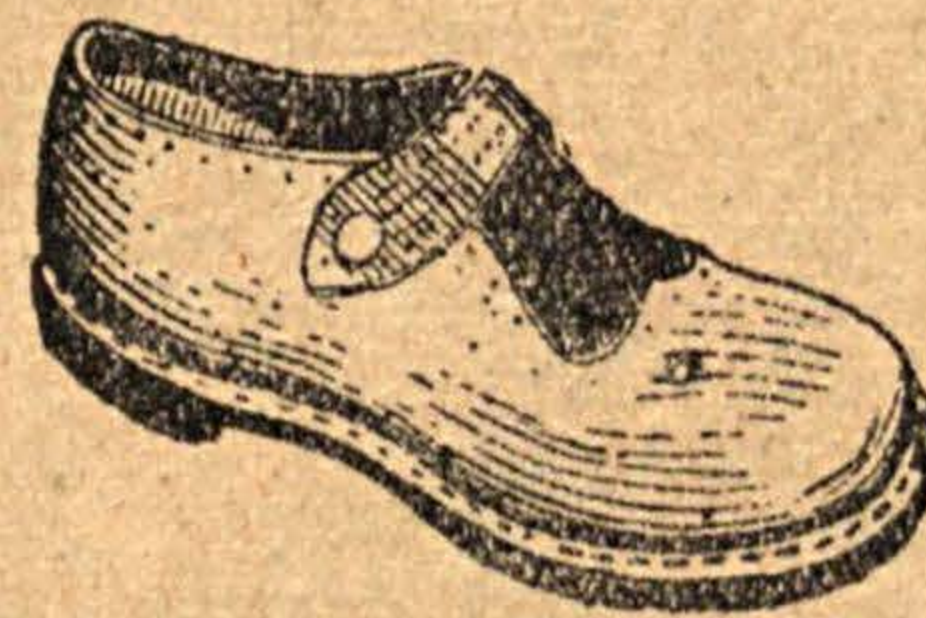
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qual-quer casa 50 oio



MODELO NILDA

De 17 a 26..... 4\$500  
De 27 a 32..... 5\$000  
De 33 a 40..... 6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26..... 4\$500  
De 27 a 32..... 5\$500  
De 33 a 40..... 7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

## DE ENSINO E EDUCACAO

da Prof. Maria Amélia Daltró Santos

Volume de 167 paginas, repleto de commen-  
tarios e suggestões sobre assumpto pedagogicos  
referentes á nossa instrucção primaria, vesados  
em estylo leve e oferecendo uteis observações.  
A' venda nas principaes livrarias e na Redacção  
d' «A ESCOLA PRIMARIA». Preço 2\$000 Porte  
franco pelo correio.



O que o doente sente  
com o uso do «ELIXIR  
DE INHAME»

Com o tratamento pelo  
Elixir de Inhame, o doen-  
te experimenta uma gran-  
de transformação no seu  
estado geral; o apetite  
aumenta, a digestão se  
faz com facilidade (devi-  
do ao arsenico) a cor tor-  
na-se rosada, o rosto mais  
fresco, melhor disposição  
para o trabalho, mais for-  
ça nos musculos, mais re-  
sistencia á fadiga e respiração facil. O  
doente torna-se florescente, mais gordo e  
sente uma sensação de bem estar muito  
notavel.

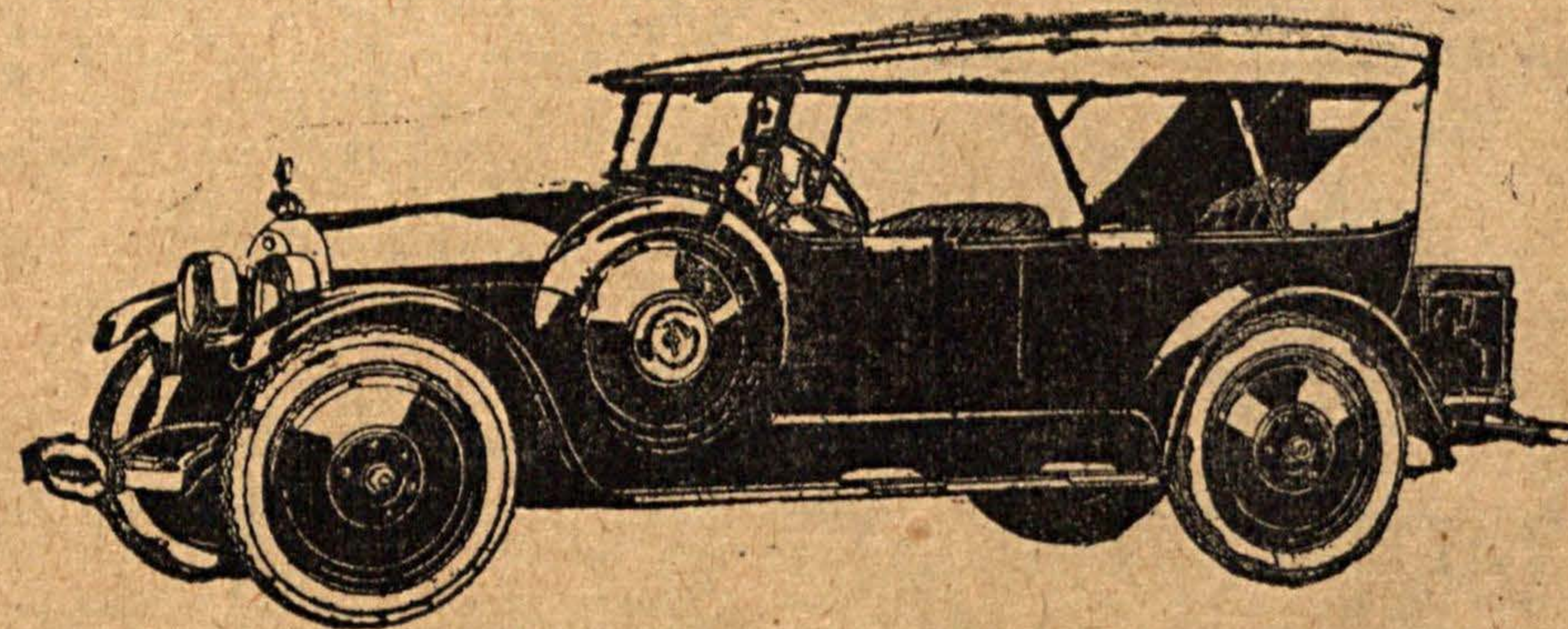
istencia á fadiga e respiração facil. O  
doente torna-se florescente, mais gordo e  
sente uma sensação de bem estar muito  
notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart  
deve ser usado na dose de uma  
colher depois de cada refeição.

**Depura - Fortalece - Engorda**

## «NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia.  
Ocarro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades  
como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares  
**VENDAS A LONGO PRAZO**



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

**AUTO-GERAL**

**Companhia Commercial e Maritima**

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7— (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 19

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
O Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULÇÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coração . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil